

Ministério

Setembro-Outubro de 2008

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Casa Editora Brasileira
- BIBLIOTECA -
T. 11

**Permaneça
em Cristo**

Como superar
desafios no
pastorado

**No caminho
do êxito**

O binômio do
sucesso pastoral

**Nem tudo é um mar
de espinhos**

Existe solução para o desgaste
emocional do pastor



James A. Cress

Secretário ministerial
da Associação Geral
da IASD

O sermão que transforma

Qualquer pregação que não transforme o comportamento dos ouvintes é falha. Mike Bellah diz: “Mais que qualquer outra coisa, esta geração precisa de ensino bíblico. Nossa mente necessita ser renovada com expectativas nascidas não da cultura, mas da Palavra de Deus. ... Crentes em potencial necessitam saber que a verdade não é relativa.”¹

Michael Green argumenta que a instrução de novos membros através da pregação deve ser mais que proclamação da verdade. Deve fincar raízes no coração e ser vivida no dia-a-dia.

“Nós tentamos fazer isso de várias maneiras. Uma foi planejando cuidadosamente uma seqüência de sermões:

algumas vezes tópicos, em outras, seguindo o calendário denominacional, e ainda em outras, pregando sermões expositivos. Tentamos ser sensíveis às necessidades de cada época.

“Com isso em mente, organizamos uma série de nove meses, examinando o significado de sermos uma sociedade alternativa num mundo em decadência. Gastamos um mês analisando cada um dos aspectos desse tema e realizando grupos para discutir e orar sobre a aplicação de cada item. Foram produzidos CDs para cada tópico, além de uma apostila, para que cada membro pudesse ter seu material de estudo.”²

Falando sobre a instrução de novos crentes, Ellen White escreveu aos pregadores adventistas: “Se os que conheciam a verdade e já estavam firmados nela necessitam realmente de que a importância dela lhes seja sempre conservada diante dos olhos e seu espírito despertado por sua repetição, quão importante é que não se negligencie isto também para com os recém-chegados à fé!”³

Confiar apenas no conhecimento – transmitir informações corretas aos novos crentes – pode contribuir para que a igreja seja uma comunidade ainda mais fechada do que parece. Se pensamos que apenas a informação é suficiente para disciplinar pessoas, estamos em perigo de arrogância espiritual, semelhante à que foi demonstrada pelos coríntios, ao imaginarem que sabedoria superior era igual à espiritualidade superior.

Tenho conhecido muitas pessoas na igreja, dotadas de acurada compreensão teológica, cuja vida não tem

refletido a mudança esperada e proposta pelo evangelho. Tais indivíduos necessitam algo mais que acurada teologia. Necessitam não apenas do conhecimento da verdade, mas de um relacionamento pessoal, experimental, com Jesus Cristo – a verdade personificada.

Roger L. Dudley e Des Cummings dizem: “Se não temos nada mais que provas textuais para nossas crenças distintivas, não ganharemos nossos ouvintes, pois o mundo quer saber que significado e relevância nossa mensagem tem para a vida das pessoas.”⁴

John R. W. Stott afirma: “Junto à integridade, nossa pregação sobre arrependimento e o senhorio de Cristo requer realismo. Não é suficiente chamar pessoas ao arrependimento

em termos vagos, como se a conversão pudesse acontecer em um tipo de vazio místico fora da vida real. Quando João Batista pregou sobre batismo de arrependimento, insistiu para que o povo respondesse produzindo frutos de arrependimento. Sem desviar dessa rota, ele apresentava temas específicos. O rico devia partilhar sua opulência com o necessitado, coletores de impostos deviam substituir a extorsão pela honradez. Soldados jamais deviam usar a força para despojar o povo, mas viver contente com o salário recebido (Lc 3:8, 10-14). Necessitamos falar em termos realistas e concretos as implicações contemporâneas de arrependimento, conversão e o senhorio de Jesus Cristo.”⁵

Assim, nossa pregação deve transformar crentes em cidadãos que vivem no mundo como “o sal da Terra” e “a luz do mundo”, em constante preparo para o iminente reino de Deus. Esse é o ensino que transforma. ❖

*Nossos ouvintes
necessitam do
conhecimento
experimental
de Jesus*

Referências:

- ¹ Mike Bellah, *Baby Boom Believers* (Wheaton, IL: Tyndale House, 1973), p. 143.
- ² Michael Green, *Freed to Serve: Training and Equipping for Ministry* (Dallas, TX: Word Publishing, 1983), p. 124.
- ³ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 334.
- ⁴ Roger L. Dudley and Des Cummings Jr., *Adventures in Church Growth* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing, 1983), p. 33.
- ⁵ John R. W. Stott, *Christian Mission in the Modern World* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), p. 118.



“Eu sou o bom Pastor”

Uma das características marcantes do evangelho de João é sua coleção de expressões “Eu sou”, mencionadas por Jesus. Nesse evangelho, Ele se apresenta como: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (14:6); “Eu sou o pão da vida” (6:35); “Eu sou a luz do mundo” (8:12); “Eu sou a ressurreição e a vida” (11:25); e, no capítulo 10, nós O ouvimos dizer: “Eu sou a porta... Eu sou o bom pastor” (v. 9, 11).

Como porta, Cristo é o único meio de acesso ao aprisco do Pai e à segurança da salvação. Ao identificar-Se como Pastor, Jesus utiliza uma figura bastante conhecida dos israelitas, para Se referir ao cuidado de Deus para com Seus filhos. Nas Escrituras, o Senhor aparece como pastor do Seu povo (Gn 49:24; 48:15), e entrega Seu rebanho aos cuidados de homens identificados como pastores: Moisés (Is 63:11; Sl 77:20), Josué (Nm 27:16, 17), Davi (2Sm 5:2; 24:17), entre outros exemplos.

Tanto quanto podemos captar da imagem de Cristo como nosso pastor, a primeira e óbvia lição da metáfora é que todos nós somos Suas ovelhas – exatamente como são elas: frágeis, incapazes, completamente dependentes do pastor. Ter isso em mente é fundamental para que nos conscientizemos de nossas limitações, renunciemos às pretensões autoritárias e apego ao poder, assumindo nossa real condição de servos.

A segunda lição nos remete à lembrança de que, em meio às freqüentemente mencionadas dificuldades e pro-

vações da vida pastoral, temos um pastor velando por nós. Não estamos sozinhos. “Eu sou o bom pastor; conheço as Minhas ovelhas”, disse o Mestre (Jo 10:14). “Esse conhecimento”, enfatiza Mário Veloso, “não se refere ao conhecimento teórico, no qual o objeto de conhecimento está separado do sujeito conhecido. Não é apresentado com uma relação de pessoa-coisa, mas como uma relação de pessoa-pessoa.”

Portanto, Ele está atento às nossas carências, quaisquer que sejam: espirituais, emocionais, sociais, materiais ou físicas. Mais que isso, tem provisões abundantes para satisfazê-las. Quando precisamos de pastos verdes, Ele os providencia. Se necessitamos de sombra, Ele sabe para onde nos levar. Se nossa alma está sedenta, junto dEle há torrentes de água para refrigerá-la. Ao garantir: “conheço as Minhas ovelhas”, na verdade, está dizendo: “conheço-as completamente, mais do que podem imaginar. Sei dos seus temores, sonhos, incertezas, alegrias e tristezas; ouço o suspiro e o grito de angústia, inaudíveis aos ouvidos terrestres; noto a lágrima que desliza escondida.”

De fato, não somos indivíduos solitários. Junto a Jesus, nossos temores e ansiedades se vão. Caso nos faltem assistência e companheirismo humanos, Ele é nosso amigo, confidente, líder e tudo o mais de que necessitamos. A propósito de mais um “Dia do Pastor”, essa realidade precisa brilhar mais intensamente em nosso coração.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 79 – Número 05 – setembro/outubro 2008
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: André Rodrigues
Ilustração de Capa: Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:
Bruno Raso; Ranieri Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer;

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edwin Regalado Lozano;
Feliz Santamaria; Francisco C. Bussons; Horácio Cairus;
Ivanaldo B. Oliveira; Ivancy Araújo; José Soares
da Silva Jr.; Montano de Barros Netto; Patrício B. Alfaro;
Samuel Jara; Valdilho Quadrado.

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5960/19403

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

9 RESTAURANDO A OVELHA FERIDA

Orientações práticas que tornam eficaz o aconselhamento pastoral.

13 NAS MÃOS DO OLEIRO

A consciência das próprias limitações possibilita a operação de Deus em nós.

15 NO CAMINHO DO ÊXITO

Conheça o binômio que torna bem-sucedidos seus esforços.

17 NEM TUDO É UM MAR DE ESPINHOS

Diagnóstico e remédio para o desgaste emocional do pastor.

21 QUEM É O MAIOR

Aprenda a trilhar o caminho para a verdadeira grandeza.

24 PERMANEÇA EM CRISTO

O que verdadeiramente significa viver e trabalhar na dependência de Jesus.

26 LADO A LADO COM O REBANHO

Visitação pastoral: uma arte perdida que necessita ser resgatada.

28 POR QUE APRECIO ESTE PASTOR

Ele não é grande evangelista e pastoreia apenas uma pequena congregação.

30 PRIVILÉGIO E DESAFIOS

"Nestes tempos de perigo, o que necessitamos é de um ministério convertido."

pág. 13



"Se é que Deus o chamou para ser realmente como Jesus, Ele o atrairá para uma vida de crucifixão e humildade. Outros cristãos e ministros que parecem muito religiosos e úteis poderão empurrar-se, preparar o caminho e elaborar esquemas para levar avante os seus planos, mas você não pode fazer isso."

M. E. Kern

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Minha única opção de vida

“Independentemente dos problemas e dificuldades, que mais posso pedir à vida senão desfrutar o privilégio de ser pastor?”

por Zinaldo A. Santos

Formado em Teologia pela Universidade Adventista del Plata, em 1977, o pastor Bruno Raso liderou dois distritos pastorais e, em seguida, trabalhou nas Associações Argentina do Sul e Buenairense como secretário ministerial, diretor de Comunicação, Ministério Pessoal e Relações Públicas. Depois de servir como presidente da Associação Buenairense, foi nomeado para desempenhar as mesmas funções na União Austral, da qual também foi presidente até maio deste ano, quando foi eleito secretário ministerial da Divisão Sul-Americana.

Mestre e doutor em Teologia Pastoral, o pastor Raso é casado com Doritta Otto, de cuja união nasceram as filhas Doris Elizabeth e Cristina Ester. Nesta entrevista, ele fala ao seu novo rebanho sobre o pastorado e planos de trabalho.

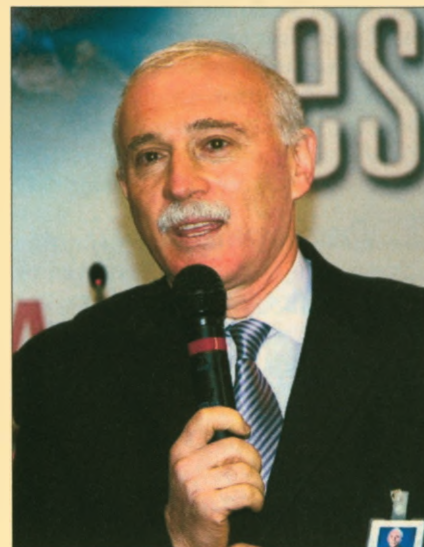
Ministério: Qual foi seu primeiro sentimento, ao receber a notícia da nomeação como secretário ministerial da Divisão Sul-Americana?

Bruno Raso: A sensação de estar recebendo um privilégio e uma grande

responsabilidade; a consciência de ser colocado frente a um desafio além da minha capacidade. Porém, o aceito amparado nas promessas d'Aquele que nos chamou para fazer parte do ministério pastoral. Reconheço que o pastor é a peça-chave e básica em toda a estrutura administrativa da igreja.

Ministério: Fale um pouco sobre seu chamado e experiência como pastor de igrejas.

Bruno Raso: Quando eu tinha apenas três semanas de vida, devido a dificuldades no processo de meu nascimento, os médicos disseram a meus pais que não havia condições para que eu continuasse vivendo. Porém, um milagre aconteceu e, agradecido por isso, desde cedo senti forte atração para servir como pastor na pregação do evangelho. Devo também reconhecer a influência exercida pelas professoras da Escola Sabatina e pela liderança dos pastores que tive na minha infância. Tive o privilégio de liderar dois distritos pastorais: um no sul da Argentina que era bastante desafiador por seu crescimento, e outro em Buenos Aires,



desafiador pelo impacto de estar situado em uma grande cidade. Foram experiências muito felizes, em igrejas identificadas e comprometidas com a missão, com as quais aprendi bastante.

Ministério: Qual é, exatamente, o papel da Associação Ministerial?

Bruno Raso: A Associação Ministerial tem a responsabilidade de prover instrumentos e recursos para facilitar o trabalho pastoral; acompanhar a formação de novos pastores (os aspirantes), bem como o processo que leva à ordenação. É dever da Associação Ministerial trabalhar para manter acesa, entre os pastores, a chama do serviço, do compromisso e da satisfação de servir a Cristo. O secretário ministerial deve atuar como pastor dos pastores e respectivas famílias; é o intermediário entre a administração e o pastorado. Além disso, também tem a responsabilidade pelo treinamento de anciãos e diáconos. Os anciãos representam uma parte muito importante na equipe ministerial. Eles são os co-pastores das igrejas. Cada sábado, em aproximadamente 80% das

igrejas na Divisão Sul-Americana há um ancião que prega e lidera todas as atividades. A Associação Ministerial tem a função de ajudar a entender o papel do ancião e do diácono, realizando seminários de capacitação, e prover materiais e recursos.

“Precisamos suprir as necessidades dos pastores. Precisamos ter um pastorando feliz, sadio, fiel e produtivo para a igreja e sua missão”

Ministério: *Quão longe o secretário ministerial deve ir no acompanhamento de um pastor que enfrenta problemas, antes de entregar o caso à administração do Campo?*

Bruno Raso: Depende do tipo de problema enfrentado. Há problemas em que se pode ir muito longe no acompanhamento, e outros que requerem intervenção profissional, às vezes, imediata; razão pela qual devemos encaminhar o pastor a um especialista competente. Há outros problemas relacionados à ética e à moral, que também devem ser partilhados com a administração no momento certo. Porém, essa decisão sempre deve incluir o pastor, ou seja, não podemos decidir nada sem o conhecimento dele. Às vezes, podemos aconselhá-lo nestes termos: “Creio que este é o melhor caminho, o passo que deve ser dado; porém, a decisão é sua”. Então, devemos esperar que o pastor envolvido aceite o conselho e tome a decisão de comunicar o caso à administração, ou nos autorize a fazê-lo.

Ministério: *Pelo que o senhor tem observado ao longo de seu pastorado, qual é a maior dificuldade que os pastores encon-*

tram em procurar o secretário ministerial?

Bruno Raso: Acredito que é a falta de confiança. O fato de o pastor expor seu problema e, posteriormente, ele se torne público na igreja ou em alguma comissão diretiva. Às vezes, existe o medo de que, sendo conhecido, o problema do pastor acabe interferindo em um chamado ou alguma decisão a seu respeito.

Ministério: *Quais são os desafios específicos de sua nova função no âmbito de um continente, e como pretende superá-los?*

Bruno Raso: Nossa Divisão é caracterizada pela diversidade: grandes centros urbanos, como São Paulo, Lima, Buenos Aires, entre outros e, por outro lado, regiões de extrema pobreza. Acredito que um grande desafio é prover um programa que contemple essa diversidade. Quanto a desafios específicos, em primeiro lugar, pretendo dialogar com meu associado, pastor Ranieri Sales, com o presidente da Divisão, pastor Erton Köhler, e com os secretários ministeriais das Uniões, a fim de analisarmos juntos as necessidades e os desafios regionais, bem como receber deles informações sobre necessidades do pastorado. Precisamos trabalhar para suprir as necessidades dos nossos pastores. Precisamos ter um pastorado que trabalhe integrado, feliz, sadio, fiel e produtivo para a igreja e sua missão. Estou consciente de que essa é uma tarefa difícil e que requer muita oração, humildade e dependência de Deus.

Ministério: *Com certa frequência, ouvimos dizer que o pastor é um solitário. O que a Associação Ministerial pode fazer para que essa carência seja satisfeita?*

Bruno Raso: Acredito que, às vezes, o pastor se sente só porque o deixam só; outras vezes, ele mesmo se isola. Seja como for, a Associação Ministerial tem que construir pontes adequadas de união, aproximação, de recursos legítimos que criem confiança, integração, participação e desenvolvimento. Creio que precisamos atender os obreiros de acordo com a faixa etária. Os aspirantes que ainda não foram ordenados não têm as mesmas necessidades dos mais experientes, os recém-ordenados ou os que já se encontram na reta final. Às vezes, analisamos uma problemática com um único enfoque para todas as idades e situações juntas. A maioria das vezes, o que serve para alguém não

é o que serve para outro. Também devemos trabalhar por áreas, suprimindo necessidades específicas, encontrando recursos que satisfaçam carências em todos os âmbitos e em todos os momentos do pastorado.

Ministério: *Existe algum novo projeto de evangelismo para a Divisão Sul-Americana?*

Bruno Raso: No momento, o programa que temos é o “Impacto esperança”. Toda a Divisão Sul-Americana está envolvida nesse projeto, na tentativa de que todos os setores formem parte de um programa discipulador. É importante lembrar que pastores e anciãos têm papel fundamental a desempenhar nesse projeto, inspirando, motivando e capacitando a igreja, além da supervisão da continuidade do programa. Não se trata de um evento em um dia, mas um processo evangelizador para causar impacto. Cremos no esquema básico missionário mantido e promovido pela Divisão: pequenos grupos, instrutores bíblicos, duplas missionárias, ministério de recepção, oração intercessora, os Revives e semanas de colheita e decisão. Tudo isso realizado através de comunhão permanente com Cristo. Em princípio, daremos continuidade a esses planos, mas o Senhor nos dirá que outras idéias deverão ser incorporadas para renovar e aprofundar a ação evangelizadora.

Ministério: *Tendo sido evangelista em outra época, como o senhor vê o evangelismo público nos dias atuais?*

Bruno Raso: Indubitavelmente, o evangelismo público tem seu lugar na missão da igreja; talvez, não da mesma forma que era realizado anos atrás. O mundo muda a todo o momento, e não podemos manter uma temática, um método, promoção ou tipo de publicidade que funcionava antes de ontem. A mensagem é inegociável, mas a metodologia é mutável e adaptável ao tempo e lugar. Temos que utilizar muito mais os meios e atuais recursos de comunicação, como internet, por exemplo, e estabelecer pontes entre os meios eletrônicos e cibernéticos e o contato humano, que é indispensável para testemunhar o poder do evangelho. Precisamos colocar vida nova em velhos métodos e criar novos métodos, para alcançar as pessoas. É importante lembrar também a inutilidade que pode ser o estabelecimento de um

método padrão para todos os lugares. Às vezes, torna-se necessário fazer adaptações às realidades locais e regionais.

Ministério: Atualmente, o conceito de pastor-treinador é muito enfatizado. O senhor não acha que também é necessária a existência do pastor-pastor, presente na vida das pessoas?

Bruno Raso: O pastor-treinador é o mestre, docente; o pastor que inspira, motiva e equipa. Porém, um bom pastor-treinador é, previamente, um bom pastor-pastor, porque antes que alguém queira saber, conhecer ou aprender alguma coisa, necessita desejá-la. Ninguém quer saber como se faz algo, se antes não tiver o desejo de fazê-lo. Para isso, faz falta um pastor-pastor. Na verdade, tudo não passa de um jogo de palavras. Não existe um pastor-treinador, se primeiro ele não é pastor-pastor. Para treinar, o pastor tem que motivar, criar necessidade, e isso é feito através de sermões cristocêntricos e bíblicos, visitações nas casas e hospitais, aconselhamento a jovens, casais e famílias. O pastor invisível durante a semana é desconhecido no sábado. Pode até fazer um bonito sermão, mas se não foi visto durante a semana, talvez, não inspire ninguém e, conseqüentemente, não terá ninguém para treinar.

Ministério: A seu ver, quais são as grandes ameaças à vida familiar do pastor, e que planos tem para enriquecer essa área?

Bruno Raso: Sempre ouvimos dizer que as grandes ameaças à vida familiar do pastor têm que ver com finanças e sexualidade. Mas, além do que sempre tem sido e continuará sendo um problema, são poucos os que, proporcionalmente, acabam caindo na lagoa maior e, talvez, sejam muitos os que pisam em poças menores e acabam sendo afetados da mesma forma. Pode ser que alguém não caia em uma tentação grande, mas viva em permanente distração. Cair na grande tentação pode causar impacto em um momento; mas, viver em permanente distração pode ser um mal que nos acompanhe durante toda a vida. Em suma, os grandes perigos da vida familiar do pastor passam por coisas que nem sempre são grandes, mas também passam por aquelas que parecem pequenas. Conseguir o equilíbrio entre cuidar da família e servir à igreja continua sendo o desafio de todos nós.

Ministério: Segundo o seu julgamento, qual é a maior necessidade do nosso púlpito hoje?

Bruno Raso: Estou convencido de que a pregação tem que ser bíblica e cristocêntrica. Pessoalmente, aprecio os sermões expositivos. Prefiro a pregação temática para uma série evangelística, em que temos que apresentar nossa doutrina. Porém, a pregação sabática produz maior impacto quando é expositiva, quando a irmandade pode desfrutar uma parte da Escritura, uma mensagem completa e, ao mesmo tempo, ser motivada a estudar a Bíblia dessa maneira. Logicamente, também há lugar para um sermão temático, no sábado. Em qualquer caso, a mensagem deve ser atual, relevante, pertinente e apropriada para as necessidades dos ouvintes. Tem que ser dinâmica, variada, ágil, prática.

O pastor invisível durante a semana é desconhecido no sábado. Pode até fazer um bonito sermão mas, talvez, não inspire ninguém

Ministério: Esta edição de *Ministério* inclui o "Dia do Pastor". Que mensagem ou apelo especial o senhor deseja transmitir ao pastorado adventista sul-americano?

Bruno Raso: Em dezembro do ano passado, o pastor Victor Peto e eu sofremos um grave acidente automobilístico, regressando de uma viagem ao sul da Argentina. A camioneta em que estávamos capotou várias vezes, ficou totalmente destruída, e fomos salvos milagrosamente. Todos os que viram o estado do veículo se surpreenderam de que não tivéssemos nenhum ferimento grave. No dia seguinte, fizemos um check-up na Clí-

nica Adventista Belgano e firmamos alguns convênios médicos para a clínica com um eminente médico não adventista. Quando lhe contamos o que nos havia acontecido, ele ficou grandemente surpreso e disse não se lembrar de ninguém que tivesse sofrido um acidente de tais proporções e estivesse falando com ele menos de 24 horas depois, fora de um centro cirúrgico. Disse ele: "Vocês perderam a última oportunidade para deixar de ser pastores". Então, entendi que não posso ser outra coisa senão pastor. O pastorado é uma vocação para a qual não existem alternativas. Deus me deu esse privilégio e sou feliz com ele. Paulo o disse de outro modo: "O amor de Cristo nos constrange", isto é, o amor de Cristo não me dá outra opção. Sinto que Jesus me ama e me convoca para ser um recurso ajudador em favor do cumprimento de Sua missão de resgate e redenção. Que mais posso pedir à vida, do que desfrutar esse maravilhoso privilégio, independentemente dos problemas, dificuldades, temporários dissabores ou escassez? Certo dia, quando eu tinha entre 14 e 15 anos, o pastor José Maria Hage, meu pastor, se aproximou de mim e disse: "Um arquiteto e um engenheiro constroem uma ponte, mas com o tempo, ela envelhece, quebra e fica inútil. Um artista pinta um belíssimo quadro, mas depois de certo tempo, ninguém se lembra dele. Porém, o que um pastor realiza perdura para sempre, por toda a eternidade." Caríssimo pastor, desfrute o privilégio de ser pastor, chamado por Deus para trabalhar lado a lado com Ele na redenção da humanidade. Medite nestas palavras: "Há muito temos esperado a volta de nosso Salvador. Mas nem por isso é a promessa menos segura. Logo estaremos no lar que nos foi prometido. Ali Jesus nos guiará ao longo das vivas correntes de águas que fluem do trono de Deus... Ali veremos a cada lado as belas árvores do Paraíso e, no meio delas, a árvore da vida. Ali contemplaremos com clara visão as belezas do Éden restaurado. Lançaremos, ali, aos pés de nosso Redentor, as coroas que nos colocou na cabeça, e, tangendo nossas harpas de ouro, daremos louvor e ação de graças Àquele que está assentado no trono" (*Conselhos Sobre Mordomia*, p. 349, 350). ❧

Não desanime

É preciso que conheçamos o segredo para transformar tristeza em alegria, ameaça em segurança, tragédia em conquista



Anami A. Oliveira

Obreira na Associação Mineira Central

AFAM

Texto de 1 Samuel 30:3-5 nos dá um vislumbre de como devemos reagir diante das provações. “Davi e os seus homens vieram à cidade, e ali a queimada, e suas mulheres, seus filhos e suas filhas eram levados cativos. Então, Davi e o povo que se achava com ele ergueram a voz e choraram, até não terem mais forças para chorar.”

Davi e seus soldados haviam marchado durante três dias até Afeque, para lutar ao lado dos filisteus. Na última hora, Davi e seu grupo foram dispensados, mas os soldados que o acompanhavam, ficaram revoltados com a idéia. Frustrados e aborrecidos, fizeram um longo percurso de volta até o acampamento de Ziclague. Cansados, famintos e ansiosos, ao lá chegarem, encontraram as tendas destruídas, os rebanhos furtados e suas famílias seqüestradas. Que situação! Ficaram tão tristes que ergueram a voz e choraram “até não terem mais forças”.

Reação para vitória

Davi ficou angustiado, ergueu a voz e chorou. Mas, não demorou muito, “se reanimou no Senhor, seu Deus” (v. 6), enxugou as lágrimas e reagiu. Aquele momentâneo revés foi transformado em vitória.

É preciso que conheçamos o segredo para transformar sofrimento em alegria, ameaça em segurança, tragédia em conquista. Precisamos descobrir o segredo de Davi, revertendo o pranto numa brilhante reação. O primeiro passo consiste em ficarmos atentos às armadilhas do caminho, cuidando para que não nos deixemos impressionar com os argumentos com que o inimigo tenta nos levar ao desânimo. Essa é sua fórmula predileta para nos derrotar. As mais terríveis armadilhas inimigas são mentiras e pensamentos errados que Satanás procura inculcar em nossa mente.

Não é o que nos acontece que determina o tipo de vida que teremos, e sim a maneira como reagimos a cada circunstância. Deus espera que, em meio às angústias, nossa reação seja tal qual a de Davi, para que possamos escrever um final feliz para a nossa história. É preciso confiar em Deus,

acreditar na vitória e construir nossas convicções, recusando-nos a murmurar contra Ele.

O coração de Davi estava cheio de coragem e otimismo. Ele acreditava que, com a ajuda de Deus, tudo lhe era possível. Não deixou que as perdas e os desafios o intimidassem. Lembrou-se de que Deus é maior que tudo.

Davi reagiu de forma positiva. Chorou, enxugou as lágrimas e prosseguiu. Acreditou que tudo lhe era favorável porque viera do Senhor que o amava. Em várias outras ocasiões, ele foi julgado e amaldiçoado. Seus irmãos disseram que era irresponsável (1Sm 17:28). Sua mulher o considerou vadio (2Sm 6:20). Golias o amaldiçoou (1Sm 17:43). Teria sido uma tragédia se ele tivesse acreditado nessas palavras, mas preferiu crer no Senhor que prometera guardá-lo.

Olhando na direção certa

O Senhor é fiel e Sua promessa é: “Toda arma forjada contra ti não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás; esta é a herança dos servos do Senhor” (Is 54:17). Devemos reagir com serenidade e esperança. Davi reanimou-se em Deus e firmou-se no Seu poder. Para não cair, apoiou-se em Deus. Os soldados viram as fraquezas, Davi contemplou os recursos divinos.

Temos uma história com Deus. Ele fez grandes coisas e nos atribui grande valor. A cada um de nós Ele diz: “Tu és meu”. Nele, encontramos saída para superar as aflições que surgem em nosso caminho. É a falta de fé que nos deixa apavorados com o sentimento de que fomos desprezados por Deus.

Depois da batalha, Davi encheu-se de gratidão e humildade. Reconheceu que o triunfo viera do Céu e manteve os pés no chão. Sim, o sofrimento pode ser revertido em alegria se não insistirmos em ver somente pedras ou areia movediça na estrada. Os golpes do dia-a-dia não precisam nos abater. Reagir é preciso! Como soldados de Cristo, precisamos descobrir as bênçãos que as adversidades podem nos trazer. Independentemente da situação ou do tamanho do problema, Deus é maior que tudo e Seu lema é “fazer o impossível àquele que crê”.

Restaurando a ovelha ferida



Larry Yeagley

Pastor jubilado, reside em Gentry, Arkansas, Estados Unidos

Todo pastor necessita estar preparado para aconselhar um sofredor; Em alguns casos, ele é o único recurso disponível

Como pastores, muito frequentemente nos sentimos limitados na assistência a pessoas que sofreram perdas. Lembro-me da primeira vez em que fui designado para substituir um pastor. Duas semanas depois da minha chegada, morreu alguém e tive que officiar o funeral e confortar a família enlutada. Eu não tinha a menor idéia sobre como proceder, mas consegui um livro de Andrew Blackwood¹, e em poucos minutos o li completamente. Durante todo o percurso em direção à casa enlutada, orei a Deus pedindo ajuda para o que iria fazer. Depois que a cerimônia terminou, um experiente colega me disse: “Jovem, se você necessitar de orientação sobre como confortar sofredores, podemos conversar a respeito disso”. Fui moído pelo constrangimento.

A partir daí, comecei a ler toda nova publicação sobre sofrimento, e cheguei a participar de um curso de cinco semanas sobre aconselhamento, na Universidade de Chicago. J. William Worden, um dos professores, nos levou a praticar princípios de aconselhamento através de encenações. Therese Rando deu aulas um dia inteiro no hospício de Michigan. Também assisti a palestras realizadas por especialistas ingleses, em Washington. Em toda chance que eu tinha, procurava aprender a confortar pessoas tristes. Decidi que nunca mais voltaria a ficar constrangido como naquela primeira vez. Com tantos recursos à mão, a maioria deles requerendo pouco gasto financeiro, eu não tinha desculpas para permanecer incompetente nessa área do pastorado.

Os pastores necessitam ser capazes no aconselhamento ao sofredor, embora nossa sociedade esteja cheia de ajudadores de todos os tipos. No primeiro instante, as pessoas se voltarão ao pastor, em busca de ajuda, antes de baterem às portas de outros tipos de tratamento.² Em algumas vezes, o pastor será a única pessoa a quem recorrerão.

Porém, a competência pastoral não depende apenas do preparo acadêmico, mas também do conhecimento acerca das pessoas. A visitação pastoral revela muitas coisas sobre os membros, que determinam o tipo de apoio que lhes vamos dar, em ocasiões de sofrimento. Pastores que não fazem visitas pastorais são como médicos que tratam seus pacientes sem conhecer seu histórico de saúde.

Definição de conceito

Em primeiro lugar, vamos compreender o que significa cuidar no sofrimento. Therese Rando descreve o cuidado no sofrimento como uma série de processos, em vez de tarefas ou resultados. “Quando comparados a tarefas, eles [processos de cuidado no sofrimento] oferecem ao conselheiro resposta mais imediata, habilidade para intervir mais rápida e apropriadamente, alvos específicos para intervenção e progresso na avaliação da experiência do sofredor.”³

Tenho usado o processo de Rando como modelo sobre o qual poderia colocar a experiência atual da pessoa sofredora e, assim, determinar seu progresso ou área com a qual esteja perplexa. Aqui está uma versão parafraseada do referido processo:

- Admitir que a perda aconteceu e tentar compreender como aconteceu.
- Permitir toda a experiência da dor e falar sobre as perdas maiores e secundárias.

- Pensar sobre o relacionamento e revisar memórias positivas e negativas.
- Admitir que o relacionamento físico não pode mais acontecer e traçar um novo roteiro de vida.
- Permitir-se ter um relacionamento de memória.
- Desenvolver novos planos que não incluam o relacionamento perdido.

Você pode facilmente assumir que determinada pessoa está se ajustando muito bem a uma perda. Todos os crentes que perderam entes queridos deviam ter frequentes contatos com a família e os amigos, após a perda. Depois que nosso filho de 22 anos morreu, em 1980, a maioria dos meus colegas admitiu que eu estava reagindo bem porque tinha frequentado grupos de apoio, durante anos, antes de sua morte. Eles não viam os conflitos que existiam dentro de mim. Um dia, eu estava visitando um moribundo de 22 anos na UTI do hospital em que eu era capelão. A tristeza inundou meu coração e as lágrimas rolaram, porém mantive a compostura até que a morte fosse consumada. Então, deixei o quarto, saí do hospital e fiquei ali apoiado numa coluna. Sem me

recriminar, a enfermeira-chefe se aproximou e juntou suas lágrimas às minhas. Eu até procurei mostrar certa firmeza, mas ela percebeu minha dor. A partir daquele dia, ela se tornou uma fonte de cura que me habilitou a trabalhar efetivamente na UTI por muitos anos.

Simplesmente ouça

Quando sou perguntado sobre como trabalho com os sofredores, respondo: “Escuto, escuto e escuto”. Ouça sem interromper dando conselhos ou tentando afastar a dor. O abrandamento da dor acontece quando ela é expressada a um ouvido paciente. Nos últimos trinta anos, tenho ouvido pessoas expressar suas mágoas sem tentar consertá-las. Inúmeras vezes, elas têm respondido dizendo: “Muito obrigado

por me ouvir. Agora, me sinto melhor.” Outra resposta comum é: “É muito bom saber que o que sinto é normal e que não estou enlouquecendo”. Os pastores também não precisam assumir o papel de defensores de Deus nem responder aos *por quês* do sofrimento das pessoas. Elas não esperam respostas; simplesmente querem expressar sua angústia e ansiedade.

Certa ocasião, juntamente com um professor de Novo Testamento, fiz algumas palestras em um congresso da Sociedade Americana de Câncer. Ele me disse que quase tinha cancelado o compromisso de falar naquele encontro, porque sua esposa tinha morrido de câncer três meses antes. Durante aquele tempo, ele se perguntava por que isso lhe tinha acontecido. Disse ele: “Busquei na Bíblia, de capa a capa, uma resposta para esse *por quê*, mas não encontrei. Se houvesse resposta, eu teria encontrado; afinal, sou



professor de Novo Testamento. Finalmente, conclui que a Bíblia não foi escrita para responder a essa questão. Foi escrita para nos ensinar como podemos sair da sujeira em que nos encontramos. Mas, em minha busca, me deparei com perguntas para as quais encontrei respostas: Acaso, Deus leva a sério meu sofrimento? O que Ele está fazendo a respeito disso? O que Ele fez? O que fará? A Bíblia responde a essas interrogações, e as respostas que dá me transmitem segurança.”

Penso nesse amigo professor todas as vezes em que uma pessoa sofrendo senta à minha frente e me pergunta: “Por quê?” Ela quer liberdade para perguntar, sem ser julgada nem condenada.

Mudando o foco

No início de um revés, as pessoas focalizam quase exclusivamente as doenças, os acidentes e a forma da morte que lhe deram origem. Elas repetem isso muitas vezes. Esse processo é importante porque ajuda a admitir que a perda realmente aconteceu. Mas, chega um momento em que necessitam mudar o foco da maneira como ocorreu a perda, e começar a focalizar o relacionamento. Este deve ser revisitado parte por parte, não em seu todo. Tais pessoas necessitam admitir que nenhuma parte pode ser considerada simultaneamente. Durante certo tempo, esse exercício as leva de um relacionamento de presença para o de memória. Esse processo não pode ser apressado; leva tempo.

Algumas pessoas encontram auxílio, ao criarem um memorial para seu ente querido. É por isso que, às vezes, vemos cruzeiros e flores ao longo de uma estrada em que ocorreu algum acidente com morte. Em certos lugares, algumas pessoas em sofrimento costumam doar ofertas para um fundo memorial na igreja. Nesse caso, os pastores devem perguntar à família sobre o modo como desejam que a oferta seja usada.

Freqüentemente, ouço pessoas dizendo a algum sofredor: “Já se passou um ano desde que tudo aconteceu. Você já devia ter superado essa perda”. Porém, a mera passagem do tempo não pode ser considerada o melhor indicador para o ajuste à nova situação. É preciso agir. O pastor procura agir na direção de afirmar e expressar esperança no progresso da recuperação experimentada pelo indivíduo.

Lições essenciais

Uma das maiores recompensas do aconselhamento pastoral ocorre quando as pessoas escolhem agir avaliando suas qualidades pessoais e fazendo planos para utilizar essas qualidades. Quando elas mostram interesse em avançar, isso demonstra que estão muitos quilômetros em direção ao seu ajustamento. Haverá ocasiões em que o irmão sofredor emperrará em alguma parte do processo de ajustamento. Em tais casos, o pastor precisa observar se pode continuar ajudando o necessitado ou se o encaminhará a um psicólogo.

Quando trabalhei como capelão, um médico me convidou para acompanhar um paciente a quem ele iria examinar. Depois de analisarmos vários métodos de diagnose, ele disse: “Os resultados dos exames laboratoriais são indispensáveis para dar um diagnóstico, mas o instrumento essencial é o ouvido do médico. No ato de ouvir, encontramos vestígios que nos habitam a fazer as perguntas certas.”

O trabalho com médicos, no atendimento de pessoas que enfrentam algum tipo de sofrimento, me ensinou três lições importantes: ouvir, observar e fazer as perguntas certas. Uma quarta lição eu aprendi dos profissionais de saúde mental; e essa é que, quando uma situação está além de sua especialidade, não hesite em encaminhar a pessoa ao profissional que pode ajudá-la. Todas as quatro lições são essenciais para o ministério pastoral em favor dos sofredores.

Ouvir e observar

A natureza do revés pode ser afetada por muitos eventos e circunstâncias, entre os quais enumeramos os seguintes:

- Perdas recentes e múltiplas.
- Divórcio indesejado.
- Histórico de doença mental.
- Relacionamento conturbado com perda pessoal.
- Insuficiente sistema de apoio.
- Forte dependência da pessoa que foi perdida.
- Desconhecimento emocional – dificuldade para expressar sentimentos.
- Perda considerável que poderia ter sido evitada.
- Perda seguida de doença prolongada.
- Perda súbita, inesperada.
- Colapso da família nuclear (pai, mãe e filhos solteiros).
- Morte violenta, traumática e mutiladora.

- Morte de um filho (antiga ou recente).
- Legado familiar de estoicismo.
- Perceptível responsabilidade pela perda.

Alguns desses indicadores podem sinalizar que a pessoa em sofrimento pode ter dificuldade para se adaptar à perda recentemente sofrida. Por isso, é importante manter contato regularmente com a pessoa. É preciso saber que a mudança no processo de recuperação da mágoa continua acontecendo, independentemente da velocidade. Sessões regulares de apoio previnem as pessoas contra a permissão de que a dor controle a vida delas. Descontrole de sentimentos e colocar-se à mercê da dor são atitudes que levam ao desespero. Permitir que a angústia tome seu curso indiscriminadamente faz com que o sofrimento nunca tenha fim.

Enfrentando o problema

Tendo observado esse medo e resignação, desenvolvi uma abordagem que tem ajudado a muitos sofredores. Essa abordagem, do tipo “enfrente o problema”, tem sido fundamental na prevenção contra problemas complicados. A pessoa que sofre pode ser encorajada a adaptar as seguintes sugestões, levando em conta as diferenças individuais:

- Cada dia, reserve tempo para ficar só em um lugar definido. Tenha papel e caneta à mão.
- Escreva as lembranças relacionadas a esse lugar. Se escrever não for sua especialidade, escolha um lugar tão privado, de modo que você possa falar em voz alta.
- Recapitule somente uma lembrança de cada vez. Escreva ou fale o que essa lembrança significa. Escreva ou fale como você se sente, não podendo concretizá-la de novo.
- Escreva ou fale uma curta despedida ao que costumava vivenciar, mas já não pode fazê-lo. Repita essa despedida até acalmar as emoções fortes.
- No dia seguinte, sempre repita a despedida feita no dia anterior, então prossiga com outra parte das lembranças.
- Continue esse processo até que você sinta que o relacionamento físico passou a ser um relacionamento de memória.

○ Lembre-se de que você não está falando a despedida para a pessoa nem para suas lembranças. Você está falando para o que costumava ser e já não é. Gradualmente, isso descobrirá as lembranças que você tenta evitar. Elas se tornarão doces e não dolorosas lembranças.

Certo dia, um homem me contou a história de um pescador que tinha perdido a esposa. A filha desse pescador expôs a preocupação de que ele não estivesse sofrendo muito, porque não falava sobre o assunto nem chorava. Certo dia, o homem foi abordado e respondeu: “Não se preocupe comigo. Entro no barco, navego, e quando não mais consigo ver a terra, falo, choro e grito.” À sua maneira, ele estava assumindo o problema.

A questão-chave é encontrar essa maneira. Muitas pessoas acham que escrever é o melhor caminho, outras têm diferentes formas de abordagem. Cada pessoa sofre de modo diferente; portanto, existem muitas formas de encarar o sofrimento. O ponto fundamental é que as pessoas devem fazer algo sobre ele, em vez de se deixarem surpreender por ventos de tristeza.

Considerando que a recuperação de cada pedaço de lembrança requer tempo, haverá ocasiões em que alguma coisa trará à tona parte não processada dessas lembranças. Therese Rando chama isso de irrupção temporária e subsequente do sofrimento.⁴ Não significa que não haja ajustamento, mas que esta parte das lembranças precisa ser processada. Precisamos falar a respeito disso às pessoas, a fim de que não sejam surpreendidas.

Dois anos após a morte da esposa de Ron, ele foi convidado para um evento numa instituição militar. Uma senhora começou a conversar com ele, de tal modo que o fez lembrar-se da esposa, anos atrás, na mesma situação, e ele não conseguiu conter o pranto. Interrogado pela senhora sobre o porquê do choro, ele explicou a razão das suas lágrimas. A senhora falou: “Não se preocupe, continue a chorar”. Ron tinha-se adaptado à vida sem a esposa, mas o encontro com outra mulher numa circunstância que o fez lembrar da esposa o levou a uma lembrança não processada.

Questões apropriadas

Durante o processo de aconselhamento a uma mãe em sofrimento, notei suas lágrimas, quando ela mencionou a morte de sua filha viciada em dro-

gas. Imaginando que ela sentia alguma responsabilidade pelo que acontecera, lhe perguntei: “A senhora acha que seu estilo de vida teve algum papel na morte da garota?” Ela simplesmente respondeu que nós dois tínhamos acabado de descobrir a questão-chave do seu sofrimento.

Outra mulher sofria por causa da morte do filho num acidente automobilístico. Seu marido dirigia o automóvel e perdeu o controle numa pista molhada. Depois de ouvi-la por vinte minutos, perguntei: “Quem a senhora culpa pelo acidente?” Imediatamente, ela apontou o esposo, afirmando que ele sempre dirigia muito rápido. O acidente tinha acontecido seis meses antes, e ela ainda não tinha dito nada ao esposo. Falou-me também que seu casamento estava escapando ao controle. Tudo isso veio à luz em resposta a uma pergunta.

Freqüentemente, pergunto: “Como está sua vida agora, depois da perda?” Isso sempre leva às perdas secundárias, que devem ser processadas junto com as primárias. Falhar na identificação do sofrimento por causa das perdas secundárias pode ser a principal causa para o agravamento da angústia. Porém, fazer as perguntas certas é resultado de ouvir e observar.

A vez do especialista

Alguns pastores preferem fazer uma recomendação a um especialista quando têm certeza de que o revés foi agravado, mas isso não é simples. Therese Rando afirma: “A linha divisória entre o sofrimento grave e o simples é nebulosa e pode mudar constantemente. Tal mudança é devida não somente aos avanços na coleta de dados nessa área, mas também ao fato de que nenhuma determinação de anormalidade pode ser feita, sem considerarmos os fatores que influenciam a resposta à perda. As reações à perda somente podem ser interpretadas no contexto dos fatores circunscritos à perda particular para um enlutado particular em circunstâncias particulares nas quais ela ocorreu.”⁵

A simples observação das reações ao sofrimento não determina de modo confiável sua gravidade. O pastor necessita olhar o pesar como um processo de mudança, do desequilíbrio para a restauração do equilíbrio e da vida com propósito. Se houver demora ou distorção nesse processo, poderá ocorrer o agravamento do problema.

Quando desconfio de que uma pessoa emperrou em algum ponto dessa caminhada, converso com ela. Normalmente, as pessoas sentem quando estão emperradas. Então, podemos identificar o obstáculo e determinar se é preciso buscar ajuda especializada. Os pastores devem informar o sofridor sobre os benefícios dessa ajuda, não esquecendo de lhes assegurar a continuidade da assistência espiritual. A pessoa jamais deve se sentir descartada.

Recomendar um membro de igreja a um psicólogo ou psiquiatra, entretanto, exige certos cuidados. Por isso, os pastores devem ter uma lista de nomes confiáveis. Um bom especialista deve ficar contente, ao responder suas perguntas. Aqui estão algumas que você pode fazer:

- Que tipo de clientes você prefere?
- Recebeu treinamento para aconselhar casos graves?
- Qual é sua abordagem, durante o aconselhamento?
- Quanto tempo gasta normalmente com os clientes?
- Quais são suas credenciais?
- Descreva sua visão sobre o relacionamento entre religião e saúde mental.
- Sente-se incomodado com o fato de o pastor continuar assistindo seu cliente, durante o tempo em que ele estiver em tratamento?

Preenchidos os requisitos, faça os arranjos para o tratamento. Informe o conselheiro sobre as razões pelas quais você recomenda o paciente. Solicite que mantenha contato com você. Caso o paciente deseje que você o acompanhe no primeiro encontro, diga isso ao profissional e confirme sua presença.

O apoio do pastor e dos outros membros da congregação facilita a vida de quem atravessa o processo de sofrimento e dor, causados por alguma perda. Essa é a atividade mais compensadora do meu ministério. Minha oração é para que essa também seja sua experiência. ❀

Referências:

- ¹ Andrew Blackwood, *The Funeral* (Philadelphia: Westminster, 1942).
- ² William Miller e Kathleen A. Jackson, *Practical Psychology for Pastors* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1995), p. 2.
- ³ Therese Rando, *Threatment of Complicated Mourning* (Champaign, IL: Research Press, 1993), p. 44.
- ⁴ Ibid.
- ⁵ Ibid., p. 12.



Divulgação

Gilbert Vega

Pastor da igreja
adventista hispana em
Loma Linda, Estados
Unidos

*Deus está
disposto e é
poderoso para
capacitar os
que se sentem
limitados para
a tarefa de
anunciar e
engrandecer o
Seu reino*

Nas mãos do Oleiro

Durante o tempo em que trabalhei como administrador em uma Associação, recebi muitos currículos de pessoas que estavam em busca de emprego. Alguns candidatos mostravam ter capacidade mediana, outros chamavam mais a atenção. Estes pareciam ter o currículo perfeito, uma combinação de boas notas e atividades extracurriculares.

Mas, embora boas notas e outras realizações sejam notáveis, pois Deus espera que façamos nosso melhor em todas as coisas que fizemos, Ele não está necessariamente interessado em brilhantes realizações materiais. Deus não procura sempre o melhor currículo. Ao contrário, nas páginas das Escrituras Sagradas, encontrei que Ele frequentemente chama os aparentemente menos recomendáveis, os ridicularizados pela “multidão”, a pessoa “menos votada”. Alguns exemplos reforçam esse meu ponto de vista: Moisés foi chamado por Deus embora fosse assassino e fora da lei; Davi, usado por Deus embora houvesse cometido adultério e cúmplice de uma mentira; Pedro, obsessivo e que usava palavras vulgares e injuriosas; e Paulo, extremista fanático e cruel.

Se você analisar a vida de cada um desses indivíduos, perceberá que eles estavam longe de ser modelos de vida espiritual. No entanto, não devemos nos surpreender, pois Deus os aceitou como eram. Na verdade, Ele disse que não veio buscar justos, mas aqueles cuja vida está desordenada, verdadeiramente desastrosa. Jesus disse que não veio buscar os sãos, mas os doentes, párias, fracos, excomungados, indesejáveis e rejeitados.

Vaso de barro

Porque Deus tem tradicionalmente procurado tais pessoas, a igreja de Corinto tinha uma expressiva presença delas.

“Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1Co 1:26, 27).

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4:7).

Paulo estava muitíssimo satisfeito pelo modo como Deus está disposto a usar os mais fracos para anunciar e engrandecer Seu reino. Ele fez isso em Corinto através de pessoas humildes, chamadas por Ele de “vasos de barro”. Em geral, vasos de barro se quebram facilmente e se fragmentam em pedacinhos, desse modo, se revelando um exemplo exato de nosso ego sensível e natureza humana. Porém, são precisamente os que estão quebrados que Deus usa para consertar outros.

Talvez, algumas pessoas olham para si mesmas e somente conseguem enxergar o que está destruído. Para elas, até mesmo dormir à noite é tarefa difícil, pois o soluço e o choro não cessam. São indivíduos que carregam feridas e hematomas emocionais visíveis, que denunciavam as repetidas quedas e escorregões de que são vítimas. A vida se lhes tornou tão miserável que parece não existir esperança; vivem num caos absoluto. Os sonhos desapareceram. As feridas são profundas. O sentimento de fracasso impregna tudo ao redor. Vozes interiores parecem confirmar a conclusão de que algo quebrado não pode ser consertado e, por isso mesmo, deve ser descartado.

Calma, ainda não! Alguém pode consertar os vasos quebrados. Ninguém precisa se desesperar, antes de tomar qualquer decisão radical, lembre-se de que existe ajuda disponível. “Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra sobre as rodas. Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu” (Jr 18:3, 4).

Sim, o Senhor pode consertar qualquer vaso quebrado. Ele o faz criando. Não há necessidade de jogá-lo fora; tudo o que precisa ser feito é entregá-lo ao Oleiro-Mestre. Ele fará um vaso novo. Podemos refletir sobre um exemplo dessa transformação efetuada.

Moisés

Desanimado e desmoralizado no deserto, Moisés não conseguia enxergar nenhum propósito na educação de elite que tinha recebido na corte de Faraó, nem de que modo ela poderia ser útil em sua nova ocupação como pastor solitário. O aprendizado erudito, desperdiçado com as ovelhas. Treinamento militar, sem valor nenhum nas montanhas áridas de Midiã. Aos oitenta anos, segurava um cajado de ovelhas, quando poderia estar segurando o cetro do Egito.

Sim, Moisés percebeu a morte se aproximando, e junto com o que seria seu último suspiro, também podia ver o legado de seus sonhos. Entretanto, certo dia o Deus dos corações partidos lhe apareceu. A partir de então, ele começou a aprender que fracassos individuais são oportunidades para Deus. O Senhor tinha em Moisés um homem especial. Embora desprezado pela sociedade em sua contínua busca por novos heróis, ele não foi desprezado por Deus. Embora em seu currículo estivessem incluídas qualificações como “criminoso” e “fora da lei”, Deus estava interessado em Moisés. Ele o enviou para sua primeira missão crucial. Moisés não conseguia acreditar, ele era tão velho, fora de contato e sem prestígio, mesmo assim Jeová acreditava nele. Relutantemente, aceitou o novo desafio. Ele não podia saber naquela época, mas, no futuro, seus grandes feitos seriam conhecidos.

As realizações de Moisés são incrivelmente maravilhosas e únicas. Nenhuma delas pode ser copiada. Quatro

eventos de sua vida demonstram sua função única na História:

- Ele foi um instrumento nas mãos de Deus para mudar o desígnio do poderoso faraó egípcio.
- Ele foi o instrumento utilizado por Deus para fazer um grupo de escravos retornarem à sua terra natal.
- Ele conversou face a face com Jeová e recebeu dEle a Lei dos Dez Mandamentos.
- Ele foi escolhido por Deus para ser o escritor do Pentateuco – os cinco primeiros livros da Bíblia.

Nada mau para quem passou boa parte da vida nas montanhas de Midiã pastoreando ovelhas.

Flores no caminho

Quando alguém experimenta sentimento de derrota, depressão, ridicularização, rejeição e se sente destruído e vazio, se torna mais sensível à voz de Deus. A partir dessa experiência, pode se relacionar com outros de uma forma que seria impossível para indivíduos que não passaram por semelhantes momentos de profunda angústia. Desse modo, quanto mais reveses alguém experimenta, mais útil será nas mãos do Senhor.

Isso me faz lembrar de uma antiga lenda, segundo a qual um homem tinha a obrigação diária de levar água ao palácio de um nobre. Ele enchia com água dois grandes vasos que carregava nas mãos, do poço até o palácio. Entretanto, um dos vasos tinha uma pequena rachadura e não podia reter toda a água, fazendo com que parte dela fosse derramada pelo caminho. Dessa forma, o outro vaso assumia ar de superioridade, enquanto o vaso quebrado se sentia envergonhado de sua imperfeição.

Certo dia, o vaso conversou com o trabalhador e lhe pediu desculpas por não ser capaz de satisfazer a expectativa de reter a água. O homem mostrou para o vaso quebrado as flores que cresceram ao longo do caminho em que a água era derramada. Em seguida, acrescentou: “Sabendo de sua condição, plantei sementes de flores pelo caminho, elas germinaram e cresceram lindas e abundantes. Já tive a oportunidade de colher algumas e levá-las ao palácio. Isso só foi possível porque todos os dias você regava o solo.”

Não se preocupe com seu currículo. Encontre o Deus dos quebrantados. Ele o transformará e o capacitará cada vez mais. ☺

No caminho do êxito



Steven P. Vitrano

Professor emérito de Homilética, Liturgia e Evangelismo da Universidade Andrews

Nosso compromisso é inspirado pelo amor, e, para ter esse tipo de compromisso, necessitamos também de um componente crucial: a fé

Com que palavras podemos definir o conceito de compromisso? Compromisso pode ser definido como a decisão de fazer o que necessita ser feito, independentemente do preço a ser pago. Essa é uma definição que caracteriza incontáveis heróis ao longo da História.

Entretanto, o compromisso cristão pode ser ainda melhor definido, iniciando com o exemplo do próprio Deus: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Deus decidiu salvar o mundo perdido. O preço disso foi a morte cruel e desprezível do Seu próprio Filho. Qual foi a motivação desse compromisso? Ele foi inspirado pelo amor conforme definido por Jesus: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15:13).

De que maneira isso se aplica aos seguidores de Jesus Cristo, especialmente aos pastores? O diálogo entre Jesus e Pedro responde a essa pergunta: “Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu Me amas? Ele Lhe respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as Minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu Me amas? Pedro entristeceu-se por Ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu Me amas? E respondeu-Lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-Me” (Jo 21:15-19).

Amor que inspira

Seguir a Jesus e alimentar Seus cordeiros e ovelhas, essa era a missão de Pedro. E o amor o inspirou a cumpri-la. Embora Pedro não compreendesse muito a missão, no momento em que se tornou discípulo, ele cresceu em amor e se tornou um dos fundadores da igreja cristã – um comprometimento que, no fim, lhe custou a vida.

Amor a Cristo não significa simplesmente um sentimento ou afeição, mas um compromisso de segui-Lo em todos os caminhos. “Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-Me” (Lc 9:23). Cristo também disse: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos” (Jo 14:15). O amor cristão inspira o compromisso para obedecer, não para ganhar o favor de Deus, mas porque Ele conquistou nosso coração. O amor cristão demonstra o significado do discipulado. Impulsionados por esse amor, dizemos o que Ele nos ordena falar, iremos aonde Ele nos enviar, faremos o que Ele nos pedir – a qualquer preço.

Fé motivadora

Nosso compromisso é inspirado pelo amor, e, para ter esse tipo de compromisso, necessitamos também de um componente crucial: a fé. “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11:1). Tendo em vista nossas limitações humanas, o que esperamos e não vemos não pode ser confirmado como fato, pelo menos como o mundo compreende o que seja fato. Entretanto, a fé nos dá a segurança e a convicção de que as coisas que esperamos e não vemos tornam-se realidade, um fato.

De Enoque é dito que agradou a Deus. “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam” (Hb 11:6). Enoque não podia tocar muito menos ver Deus, mas ele creu em Deus. A fé fez com que Deus Se tornasse realidade para ele.

Em Romanos 4, Paulo nos dá outro exemplo de fé como realidade na vida de Abraão. É-nos dito que “Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações” Rm 4:18). Sara já havia ultrapassado os anos favoráveis à concepção de filhos e o patriarca considerava seu corpo praticamente morto, “mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4:20, 21).

Porém, a fé não pode ser confundida como simples crença: “Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem” (Tg 2:19). “Pela fé, Noé aparelhou uma arca para a salvação de sua casa” (Hb 11:7). Ele não apenas creu em Deus, mas fez o

que Deus lhe ordenou. Construiu um imenso navio em terra seca, enquanto anunciava ao povo a iminência de um dilúvio, num tempo em que, até então, jamais tinha chovido. Em função disso, ele foi ridicularizado, zombado, desafiado e menosprezado, mas continuou em sua missão, enfrentando tudo isso por 120 anos.

“Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia” (Hb 11:8). A fé revelada por Abraão o motivou a fazer o que muitos, hoje, consideram impensável.

Olhando para Jesus

Atitudes como as desses patriarcas somente são vistas em homens de fé. O capítulo 11 de Hebreus nos expõe uma verdadeira “galeria da fé” – Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e outros profetas “os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam bocas de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros” (Hb 11:33, 34).

Seguindo sua definição e exemplo em Hebreus 11, o escritor do livro nos dá um modelo para manter o compromisso, no capítulo 12: “Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que Lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso

da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12:1, 2).

Em seguida, somos admoestados a não arrefecermos ou enveredar pelos caminhos da covardia, pois em nossa luta contra o pecado ainda não chegamos ao ponto de derramar nosso sangue (v. 4). Devemos lutar em busca da “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (v. 14). Lutar pela santificação se torna um compromisso; mas qual é a motivação dessa luta?

Se Cristo é o Modelo, nossa motivação é a alegria que nos está proposta. Essa alegria pode ser descrita como a alegria da salvação, a alegria de saber que tudo o que Deus prometeu se cumprirá.

É a fé em Jesus que nos motiva a seguir-Lo, razão pela qual a justificação pela fé não significa contemporização com o pecado. A substituição da nossa injustiça pela justiça de Cristo não é graça barata, mas um ato misericordioso do Seu amor que nos motiva a obedecer-Lhe. Estando comprometidos com Cristo, não nos perguntamos: “Quão difícil será?” Nosso compromisso com Ele nos leva a dizer: “Tudo posso nAquele que me fortalece” (Fp 4:13). Se estivermos comprometidos com Cristo, jamais diremos: “Não posso ser perfeito”, mas, “não sou perfeito, porém em Jesus posso ser”.

O que Cristo tem feito, faz e continuará fazendo por nós e em nós deve ser a suprema motivação para que comprometamos nossa vida com Ele. Seu convite, também para nós, é: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve” (Mt 11:28-30). **M**



Nem tudo é um mar de espinhos



Jorge A. Luorno

Secretário da Associação Argentina Central

"Muito bem, servo bom e fiel: foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor"

Desde que Hans Selye sistematizou as causas e os efeitos do estresse, os mais diferentes tipos desse problema têm sido identificados. Por exemplo, atualmente ouvimos falar de *burnout*, termo que é utilizado para identificar o esgotamento extremo e crônico no âmbito do trabalho. Não faz muito tempo, especialistas definiram como desgaste emocional o estresse produzido especialmente por atividades desenvolvidas no campo dos relacionamentos interpessoais, como é o caso do trabalho pastoral.

Carlos (nome fictício), por exemplo, é um pastor de 42 anos que trabalha há 18 anos. Ao terminar uma reunião de oração, certa irmã pede para falar com ele, pois deseja expor um problema pessoal para o qual necessita de aconselhamento. Carlos bem que gostaria de fugir dessa entrevista, pois o simples fato de que deverá ouvir problemas que não lhe pertencem o esmaga. Porém, o dever pastoral o leva a atender a irmã. Embora mantenha contato visual enquanto ela expõe o problema, sua mente vagueia longe, sendo-lhe difícil acompanhar o fio da conversa. Pensa consigo mesmo que a consulente é a única responsável pelo problema e não há razão pela qual ele deva escutá-la. Sente-se tentado a interromper o relatório com um conselho na base de "tudo posso naquele que me fortalece" e despedi-la. Finalmente, com má vontade, dá algum conselho e conclui o encontro com uma oração sem entusiasmo.

Durante o dia, Carlos trata de se envolver em tarefas administrativas ou preparo de sermões, porém encontra dificuldade para iniciar o programa de visitação aos irmãos e estudos bíblicos a interessados. Frequentemente, dá prioridade a outras tarefas. Ao chegar o sábado, muitas vezes tem a sensação de que está fora de órbita e que não tem obrigação de ouvir nenhum irmão nem dirigir reuniões. Percebe, então, que seu humor se tornou cínico e sarcástico e, com isso, tem ofendido alguns de seus colaboradores. Já não dedica o mesmo tempo de antes para sua devoção pessoal e, ultimamente, dedica menos tempo ao trabalho. Quando o faz, trata de cumprir o mínimo necessário. Entre outras coisas, tem-se mostrado mais crítico e intolerante para com a administração do Campo, e detesta que façam qualquer avaliação do seu trabalho. Carlos não sabe, porém, está sofrendo de desgaste emocional.

A humanidade do pastor

Muitos líderes religiosos têm sido obrigados a lidar com sérios problemas de estresse que, em alguns casos, foram derivados de problemas psicofísicos como depressão.¹ Esse foi o caso de Martinho Lutero, que, apesar de exercer papel fundamental na Reforma Protestante, inspirando a milhares e escrevendo hinos tais como *Castelo Forte*, sofria de depressão crônica.² Semelhantemente, Charles Spurgeon, famoso pregador inglês, teve que conviver com grandes problemas emocionais.³ Hoje sabemos que o pastor Tiago White foi acometido de *burnout*, devido à sobrecarga de trabalho.⁴

Devemos assumir que o pastor tem as mesmas necessidades psicofísicas e sócio-espirituais que as demais pessoas. Pode ficar cansado, sentir fome, tem necessidade de criar, necessidades sexuais, enfim, sente as mesmas emoções que os demais mortais, como dor, desânimo, sensação de incompetência, medo, dúvida, ciúme, descuido, ira e, às vezes, também se sente só e desprezado.⁵

Com o passar do tempo, tem-se comprovado através de numerosas pesquisas, que os pastores não estão isentos do estresse próprio da competência e das comparações que são feitas em muitas ocasiões, ao pretender alcançar alvos mais elevados nas diferentes áreas de seu trabalho.⁶



Diferentemente de outras atividades, o ministério pastoral não é uma profissão, mas um chamado ou vocação. A influência dessa tarefa sagrada na vida do pastor chega ao ponto de afetar sua própria identidade. O indivíduo não trabalha como pastor; é pastor. A esposa é “esposa do pastor”, os filhos são “filhos do pastor”. É um tipo de atividade extraordinariamente absorvente, que não admite diferenciação entre o que alguém *faz* e o que *é*.⁷

Radiografia emocional

Voltemos ao caso de Carlos. Ele iniciou suas atividades tendo elevados ideais e grande dose de otimismo quanto às suas habilidades para ajudar os semelhantes. Estava convencido de que bom preparo e elevada consagração compunham a fórmula para oferecer ajuda a qualquer indivíduo. Ingressou no ministério pastoral não para ganhar dinheiro, mas para salvar

e servir a tantos quantos lhe fosse possível alcançar.

A história de Carlos pode ser a de muitos outros pastores que passaram do idealismo e do compromisso à desilusão e ao desespero. Contrastando com suas expectativas iniciais, alguns descobriram que seus hem-intencionados esforços foram, muitas vezes, tanto incompreendidos como depreciados, terminando em profundo desânimo ou sofrendo forte desgaste emocional. Muitos sequer imaginaram que seriam surpreendidos por complexas comissões de igrejas, relatórios intermináveis, carência de fundos para desenvolver as atividades eclesiais, irmãos com personalidade difícil e a sombra da rotina pairando sobre tudo. Na verdade, esse não foi o tipo de trabalho que um dia atraiu Carlos ao seminário.

Como resultado de sua desilusão, Carlos começa a manifestar enfado, cinismo em seu trato com os irmãos, ira

nas reuniões de comissão e até simplesmente falta de estímulo para o trabalho. A maioria dos pastores sabe, ouve e é recomendada a tirar tempo de folga, dedicar tempo à família, viver equilibradamente, praticar exercícios físicos e desenvolver amizade, para evitar o estresse. Carlos também o sabia. Porém, apesar de reconhecer e até recomendar a outros essas coisas, estava tão ocupado que não dispunha de tempo para aplicá-las a si mesmo.

Como é possível explicar que pessoas preparadas, idealistas e compassivas, como Carlos, possam ser presas do desgaste emocional? Alguns investigadores⁸ sustentam que o problema é sistêmico, isto é: o indivíduo cai no desgaste emocional porque trabalha em um sistema que produz desgaste emocional. O problema é externo: muito trabalho, pouco apoio, agenda sobrecarregada e rígida, membros difíceis, disponibilidade 24 horas por dia sete dias por semana, excessivo trabalho administrativo, alvo de batismos, obrigação de viver à altura das expectativas da família, dos membros da igreja e dos administradores do Campo. E a lista pode se alongar.

Outros pesquisadores⁹ sugerem que o problema está centralizado na pessoa. Algumas pesquisas têm concluído que indivíduos vítimas de desgaste emocional frequentemente tendem a ser idealistas, perfeccionistas e compulsivos (características atribuídas por alguns ao perfil de “um bom pastor”). Essa classe de pessoas usualmente carrega perturbações narcisistas (necessidade de admiração), baixa auto-estima, problemas no desenvolvimento infantil, elevado idealismo e uma personalidade tipo A.¹⁰

Em suma, para uma adequada visão do problema, convenhamos que tanto fatores extrínsecos como intrínsecos contribuem para produzir desgaste emocional. Também é preciso ressaltar que estudos realizados com pastores e respectivas esposas revelam que o pastor, em geral, é mais desperto para perceber o desgaste provocado pelas tarefas da igreja e menos desperto para detectar o estresse provocado pela relação familiar. Com a esposa, acontece o contrário.¹¹

Tensões pastorais

Uma pesquisa realizada com 139 pastores distritais da União Austral revelou os cinco itens mais influentes para o desgaste emocional do pastor. Vamos enumerá-los:

○ “No lugar em que trabalho, não encontro ninguém com quem possa compartilhar minhas preocupações.” Evidentemente, a falta de amigos, pessoas com as quais possa confidencialmente compartilhar inquietudes, impede que o pastor tenha onde descarregar problemas que enfrenta em seu trabalho. Indubitavelmente, isso contribui para maior incidência de desgaste emocional.¹² Temendo sofrer alguma perda, resultante de traição ao expor suas inquietações, o comportamento que muitas vezes prevalece entre pastores que estão em crise é ocultação ou negação do problema.

Simplemente, alguns pastores não sabem a quem recorrer, quando enfrentam problemas; ou, pelo menos, relutam muito antes de pedir ajuda. Tal atitude agrava as situações já muito complicadas de sua vida, o que dificulta ainda mais a solução.

○ “Percebo que dedico cada vez menos tempo à minha devoção pessoal.” O fato de perder de vista o significado da tarefa que executa, e para quem ela é feita, parece desaguar em um trabalho considerado árduo e até cansativo. Não

foi à toa que Jesus Cristo convidou Seus seguidores a buscar descanso nEle (Mt 11:28-30).

Infelizmente, não é raro se encontrar pastores tão envolvidos em suas atividades que não conseguem achar tempo para nutrição espiritual e alimentar um relacionamento profundo com o Senhor. Isso significa um preço demasiadamente elevado para suas reservas emocionais, já que a carga é conduzida a sós. Com o passar do tempo, pode ocorrer que se depare tentando ajudar outros a se fortalecer espiritualmente, quando ele mesmo está debilitado por causa de comunhão apenas esporádica com Deus.

○ “Os irmãos alimentam expectativas elevadas a respeito de minha esposa e dos meus filhos.” Muitos membros da igreja colocam o pastor e sua família numa espécie de pedestal, e são muito exigentes no que tange ao comportamento e estilo de vida que a família pastoral deve ter. Mas, também é preciso reconhecer que existem pastores que aprovam e até gostam desse papel.

Especialmente os filhos (que não escolheram ser filhos de pastor) carregam o

peso de expectativas relacionadas a comportamento inatacável e estilo reto de vida. Muitas vezes, tal situação aprofunda neles a crise, já que, em reação contrária a essas expectativas, eles podem adotar uma atitude rebelde e adversa em relação à vida religiosa. Aliás, as expectativas direcionadas aos filhos não são alimentadas apenas pelos membros da igreja, mas, em muitos casos, o próprio pastor se coloca nesse grupo, expondo sua família à “síndrome da vidraça”.

○ “Os irmãos não respeitam minha privacidade nem meu dia de descanso.” O fato de que o pastor aceite estar a serviço da igreja, 24 horas, 365 dias por ano, faz com que os membros sintam não haver limites na intromissão no tempo do pastor, e acabem desconsiderando as necessidades de privacidade que tem a família pastoral.¹³ Tal circunstância prejudica o relacionamento, a comunicação, unidade e intimidade familiar.¹⁴ Contudo, o fato não está relacionado apenas à incompreensão dos membros da igreja, mas também à fraqueza do pastor no momento em que deve impor limites em seu trabalho, bem como

Fatores de tensões no trabalho pastoral



à sua incapacidade para delegar tarefas aos oficiais da igreja. Provavelmente, sua auto-imagem no pódio leva-o a se sentir insubstituível nas atividades eclesiais e na atenção dos membros.

○ “Não tenho tempo suficiente para realizar as tarefas administrativas e pastorais do meu trabalho.” Esse item pode estar relacionado ao crescimento do número de membros e da quantidade de igrejas nos últimos dez anos. Tal crescimento pode não ter sido acompanhado por um crescimento equivalente na quantidade de pastores, o que implica em mais trabalho para o pastor distrital.

Por outro lado, em nossa experiência pastoral, temos percebido que há um incremento nas exigências quanto a relatórios, formulários diversos, gestões administrativas, além de aconselhamento, pregação e evangelismo. Até onde conhecemos, não existe um orçamento de tempo que permita excluir alguma responsabilidade, no caso de se acrescentar outra. Obviamente, isso faz com que o pastor tenha maior demanda de tempo em seu trabalho. É interessante notar que os três primeiros fatores estão relacionados com o tempo: menos tempo para a devoção pessoal, desconsideração pelo tempo de descanso e pouco tempo para atender as tarefas pastorais.

Medidas preventivas

○ panorama descrito até aqui deve nos levar a refletir sobre a necessidade de focalizar os aspectos que tornam significativo nosso ministério, a fim de que reforcemos a visão, o ideal pastoral

e, desse modo, neutralizemos os efeitos negativos de um contexto adverso.

Muitas vezes, ocorre que o pastor se encontra demasiadamente ocupado e deixa de lado sua vida devocional. Está sozamente provado que essa é uma causa da perda da inspiração que o conduziu ao pastorado. É nesse ponto que ele começa a centralizar-se nos espinhos e perde a visão das rosas. O caminho que o faz desviar-se dessa situação é voltar a priorizar aqueles aspectos que dão sentido à vocação pastoral, através de uma comunhão viva e estreita com o Senhor da igreja.

Outro aspecto importante a ser desenvolvido é a capacidade de pedir ajuda em circunstâncias nas quais seus recursos são limitados para enfrentar os problemas pessoais. Alguns acreditam que a única estratégia para sair dos problemas é a oração. Embora seja esse um recurso fundamental, em algumas ocasiões, é possível que necessitemos de algo mais. O Senhor pode responder à oração através de pessoas que nos ajudem a ver as coisas com maior clareza. Pode ser um companheiro de ministério que, por sua experiência ou consagração, seja merecedor de confiança: quem sabe, o secretário ministerial, que tem visão ampla da problemática pastoral, ou um profissional de saúde mental que possua cosmovisão cristã. O importante é saber a quem recorrer no momento de crise.

É bastante salutar que o pastor se apresente como ser humano diante dos membros da igreja, como uma pessoa vulnerável que comete erros e, se for o caso, deve pedir perdão. Alguns pasto-

res crêem que essa atitude lhes subtrai respaldo moral como líderes da congregação; porém, não percebem que, na verdade, ela os torna mais acreditáveis e mais próximos dos irmãos.

Além disso, o pastor deve tomar os cuidados necessários à preservação de sua privacidade e respeito ao seu dia de descanso com a família (respeitando-se os imprevistos inadiáveis, como o caso de um funeral). Também deve ajudar os irmãos a entenderem que, para a família pastoral, não é saudável depositar expectativas muito elevadas sobre ela, pois isso pode prejudicar seu crescimento e desenvolvimento feliz, especialmente no que tange aos filhos adolescentes.

Finalmente, é muitíssimo útil para o pastor espalhar sua imaginação sobre o resultado final de seu trabalho, depois de ter ouvido as boas-vindas do Senhor: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25:23). Sim, em momentos de crise, é bom dar asas à imaginação e sonhar com o dia em que nos encontraremos na Nova Terra, vivendo a cena descrita por Ellen G. White: “Aqui está alguém em cujo favor intercedemos com Deus à noite. Ali está alguém com o qual falamos em seu leito de morte, e ele confiou sua alma desamparada a Jesus. Eis aqui alguém que era um pobre bêbado. Procuramos fazer com que fixasse o olhar naquele que é poderoso para salvar e lhe dissemos que Cristo podia conceder-lhe a vitória.”¹⁵

Isso compensa qualquer momentâneo revés ou sofrimento pastoral. ❧

Referências:

- ¹ No caso de transtorno do estado de ânimo, não se trata simplesmente de desânimo passageiro, mas de algo que ocorre a maior parte do dia, durante um período prolongado. Verifica-se redução do interesse em quase todas as atividades. Há também insônia, fadiga, perda de energia, reduzida capacidade de concentração, e podem surgir pensamentos recorrentes de morte ou idéias de suicídio.
- ² Enrique Calandra, *Depressive Symptomatology Among Hispanic Ministers of the North American Division of the Seventh Day Adventist Church* (Tese Doutoral, Andrews University, 1999).
- ³ Dwight Carlson, *Why do Christians Shoot their Wounded?* (Illinois: InterVarsity Press, 1994).
- ⁴ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 306-308.
- ⁵ Lucille Lavender, *They Cry Too!* (Nova York: Hawthorn, 1976).

- ⁶ Archibald Hart, *Coping with Depression in the Ministry and Other Helping Professions* (Waco: Word, 1984).
- ⁷ Benjamin Schoun, *Helping Pastors Cope* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1986).
- ⁸ Cristina Maslach, *Truth About Burnout: How Organizations Cause Personal Stress and What to do About it* (Nova York: Scribners, 1997).
- ⁹ H. Freudenberger, *Burnout: the High Cost of High Achievement* (Nova York: Doubleday, 1980).
- ¹⁰ Personalidade tipo “A” ou tipo “B”: Nos anos 50, os cardiologistas Meyer Friedman e Ray Rosenman estabeleceram diferença entre dois tipos de personalidade: o tipo A, com alto risco de sofrer infarto, e o tipo B, com risco menor de infarto. Depois de oito anos de pesquisas, os médicos concluíram que o índice de infarto era 50% maior entre indivíduos com personalidade tipo

- A. Eles são mais inquietos, impacientes, insatisfeitos e competitivos no trabalho.
- ¹¹ John Gleason, *Perception of Stress Among Clergy and their Spouses*, *The Journal of Pastoral Care* (dezembro de 1977), v. 31, n° 4, p. 248-251.
- ¹² J. Carter e J. Warner, *Loliness, Marital Adjustment and Burnout in Pastoral and Lay Persons*, *Journal of Psychology and Theology* (1984), v. 12, p. 125-131; H. London, *Clergy Families and Career Paths in the United Methodist Ministry* (Nashville: General Board of the United Methodist Church), 1983).
- ¹³ B. Munro e D. Kieren, *Handling Greedy Clergy Roles: a Dual Clergy Example*, *Pastoral Psychology*, v. 36, p. 139-248; P. Boss, *Family Stress Management* (Newbury Park: Sage, 1980).
- ¹⁴ D. Campbell, *The Minister's Own Family*, *Austin Seminary Bulletin* (1987), v. 102, p. 21-38.
- ¹⁵ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 431.

Quem é o maior



Zinaldo A. Santos

Editor da revista
Ministério

*“Nada façais por
partidarismo ou
vanglória, mas
por humildade,
considerando
cada um os
outros superiores
a si mesmo”*

Lembro-me de certa ocasião em que fui transferido de uma Associação para outra e, entre as providências que devia tomar em relação ao novo domicílio, era necessário fazer a transferência da placa do meu automóvel. Munido com os documentos e tendo cumprido todos os requisitos exigidos, me dirigi ao setor de vistoria do Departamento de Trânsito da capital em que passei a residir. O encarregado da unidade examinou criteriosamente cada documento, certificou-me de que tudo estava correto, mas, para minha surpresa, disse-me com certa empáfia: “Não podemos vistoriar seu carro aqui. Isso devia ter sido feito na cidade onde o senhor morava”. Argumentei que isso era verdade, assim como era verdade que também podia ser feito no novo domicílio. Inútil. O homem insistiu em que eu deveria retornar à capital anterior e lá fazer a vistoria do veículo.

Retomei os argumentos, tentando fazê-lo compreender a dificuldade que representaria empreender uma viagem longa, dispendiosa, para um procedimento que poderia ser efetivado em menos de meia hora, naquele instante, ali onde estávamos. Da nada adiantou. Frustrado, mas tentando encontrar alguma resignação no fato de poder rever familiares, amigos e irmãos, eu me retirava do local, quando um dos vistoriadores me chamou à parte e disse: “É inútil argumentar com este homem. Ele é intransigente, ranzinza, demasiadamente vaidoso para ceder. Porém, já vi um caso semelhante, cuja pessoa voltou aqui com uma recomendação do diretor geral do Departamento.” Agradei a orientação, disse-lhe que a colocaria em prática e, no dia seguinte, em menos de quinze minutos de amigável conversa com a mencionada autoridade, eu tinha nas mãos a recomendação manuscrita. Voltei ao setor de vistoria e tudo foi resolvido.

Saí dali pensando quão curioso era o fato de uma autoridade maior, a quem cabia pôr e dispor, se mostrar tão mais acessível que o subalterno. E me lembrei da autoridade suprema do Universo que, “subsistindo em forma de Deus, ... a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fp 2:6, 7), enquanto nós, servos, não raro nos comportamos como deuses ou semideuses. Aquele funcionário público é apenas um exemplo de tantas pessoas que parecem imaginar-se donas do mundo; talvez alguém lhes fez acreditar nesse pensamento, e elas passaram a agir como se isso fosse verdade. Infelizmente, na igreja, nenhum de nós está livre de cair nessa tentação. Por isso, necessitamos ter sempre diante de nós, na mente e no coração, o ensino bíblico e o exemplo de Cristo no trato com o orgulho e a presunção, humildade e serviço.

A superioridade de João Batista

Em uma de Suas afirmações aparentemente intrigantes, disse Jesus: “Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele” (Mt 11:11). Por que razão João Batista foi considerado “o maior”? Na avaliação que faz Roy A. Anderson, “João não organizou nenhuma igreja, não realizou milagre, não escreveu livros, não liderou qualquer partido político, não era financista, não possuía uma casa feita com esmero. E, no entanto, era o maior. É verdade que foi um pregador poderoso, mas isso durou apenas alguns meses” (O Pastor Evangelista, p. 549). Além disso, outros personagens da Bíblia também se revelaram pregadores destemidos e poderosos. Pedro, por exemplo, cheio do Espírito Santo no dia do Pentecostes, pregou um sermão que resultou na conversão “de quase três mil pessoas” (At 2:41). Que dizermos de Paulo, diante de reis e imperadores, de iletrados e cultos, proclamando, com ousadia, Cristo crucificado e ressurreto?

Porém, nas palavras do próprio Jesus, João Batista foi “o maior”. João Batista foi chamado a desempenhar a especial missão de anunciar a vinda do Messias. Certamente, muitos profetas trocariam qualquer privilégio pela honra de ser precursor de Cristo. A grandeza de João Batista foi a grandeza de sua missão. No entanto, é forçoso admitir que o fato de

desempenhá-la com humildade serviu para realçar a qualidade que lhe foi atribuída pelo Mestre.

Certa ocasião, quando o povo se perguntava se não era ele o Messias, João Batista respondeu: “Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-Lhe as correias das sandálias; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3:16). Efetivamente, o Messias veio. E, ao cumprir Seu ministério, atraía pessoas carentes de esperança e salvação. Batizava-as, selando seu compromisso com Deus. Enquanto isso, os discípulos de João Batista não conseguiram conter a inquietação e foram procurá-lo, levando-lhe uma informação: “Mestre, Aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro” (Jo 3:26).

*A humildade valoriza
outras pessoas e
nos liberta a fim de
que possamos amar
incondicionalmente*

Sem hesitação, veio a resposta do Batista: “O homem não pode receber coisa alguma se do Céu não for dada. Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como Seu precursor. O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim. Convém que Ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:27-30). Noutras palavras: Devo me contentar com o que Deus me permitiu ser e realizar. Já lhes disse que não sou o Cristo, mas Seu precursor; essa foi minha missão. Sou apenas o amigo do noivo, que se alegra em ouvir a sua voz e em vê-lo recebendo a noiva. Toda intermediação do processo que culmina com essa união já foi cumprida. Estou feliz com a chegada do noivo. Agora, o que importa é “que Ele cresça e que eu diminua”.

Essa é a verdadeira grandeza, característica de um servo de Deus.

O primeiro no reino

De maneira trágica, como bem o sabemos, João Batista já tinha ido para o descanso de suas labutas terrestres. Cristo, o anunciado Messias, continuava exercendo Seu ministério. Foi então que, certo dia, uma mulher, esposa de Zebedeu, mãe de Tiago e João, Lhe fez um pedido: quando Seu reino fosse estabelecido, que os filhos dela fossem nomeados para o primeiro escalão – “um à Tua direita, e outro à Tua esquerda” (Mt 20:21).

Impulsionada pelo sentimento nacionalista prevaemente entre os judeus, e que projetava no Messias a esperança de restauração política e libertação do jugo romano, fascinada como estava por aquele mundo de soldados cheios de medalhas, imperadores ostentando suas coroas cravejadas de pedras preciosas, governadores atendidos por escravos, e até mercadores com muitos empregados, para aquela mãe, era justo que seus dois filhos tivessem seus lugares de honra no esperado reino. Afinal, tinham deixado tudo e se unido ao movimento que logo se tornaria reino. De acordo com o relato sagrado, “ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos” (v. 24). Por quê? Acaso, eram humildes inocentes? Estavam autorizados a ensinar humildade àquela mãe e a seus filhos? Certamente, não. “Indignaram-se” porque, havia muito tempo, estavam pensando a mesma coisa e não admitiam rivais naquela disputa por uma posição de destaque “no reino”.

De fato, Jesus já tinha denunciado a ignorância de todos eles quanto ao verdadeiro caráter do Seu reino: “Não sabeis o que pedis” (v. 22). Então, com amor, ternura e firme convicção, lhes explicou o marcante contraste entre a Sua filosofia e a do mundo em que viviam: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (v. 25-28).

O que o mundo pensa sobre grandeza e vida abundante não se harmoniza com o ensino bíblico nem com o exemplo de Jesus. Pensando em senhorio, ou em liderança eclesiástica, só existe um Senhor absoluto, único indispensável e insubstituível: o próprio Jesus Cristo, pois “Ele é antes de todas as coisas. NEle,

tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia” (Cl 1:17, 18). Quanto a nós, independentemente do lugar onde estejamos trabalhando, da função que ocupamos e dos títulos que ostentamos, nenhum de nós é um milímetro além de servo. E devemos estar felizes e agradecidos, pois esse é mais um dom da graça de Deus. Que fizemos para merecê-lo? Que credenciais temos a apresentar para servir o Senhor do Universo? Pela graça de Deus o que somos o que somos (1Co 15:10).

A esta altura, é natural que surja uma pergunta: Deveríamos renunciar aos conceitos de hierarquia e de busca pela excelência? Absolutamente, não. A busca pela excelência é necessária, para que possamos servir da melhor maneira possível. A hierarquia eclesiástica é indispensável, a fim de que a missão seja administrada com decência e ordem. O que realmente importa é a atitude de quem ocupa as diversas instâncias dessa hierarquia: deve fazê-lo com a disposição de servir. Isso não significa inércia, indolência, fraqueza, contemporização com erros. O servo sabe o que quer e para onde vai. Em tudo o que faz, combina firmeza, diligência, determinação e senso de justiça, com amor, graça e misericórdia, assim como faz o Senhor da igreja.

É indispensável salientar que o caminho da humildade e do serviço tem mão dupla. No relacionamento interpessoal na igreja, as duas coisas envolvem uma atitude de mútua consideração. Seu ponto focal é o espírito de consideração e respeito com que devemos nos tratar uns aos outros – líderes e liderados e vice-versa. Como aconselhou Paulo, “nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:3, 4).

Libertos do orgulho

Em seu livro *Descending into Greatness*, Bill Hybells sugere que o espírito de humildade e serviço valoriza outras pessoas e nos liberta para renunciar a pretendidos direitos egoístas, a fim de que possamos amar incondicionalmente. O espírito de humildade e serviço nos livra de alimentar ira e amargura, quando sentimos que alguém não pensa da mesma forma que nós pensamos. Libertá-nos para obedecer ao mandamento de Jesus:

“Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5:44). Libertá-nos para vencer o desejo de retaliação: “A qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mt 5:39). Enfim, nos liberta para colocar em prática a regra áurea: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Mt 7:12).

“Nada é tão ofensivo a Deus nem tão perigoso para o espírito humano como o orgulho e a presunção. De todos os pecados é o que menos esperança incute, e o mais irremediável”, diz Ellen White (*Parábolas de Jesus*, p. 154).

Portanto, a verdadeira grandeza é a grandeza da humildade. A verdadeira vida abundante é a vida de serviço. Embora isso seja revolucionário, contrário a tudo o que pensa o mundo, o ensino das Escrituras e o exemplo de Cristo nos dizem que esse é o modelo de vida verdadeiramente produtiva, útil, e que satisfaz aos anseios de Deus e de Sua causa.

Felizmente, nada está perdido. Em seu incomensurável amor e desmedido interesse por nossa salvação, Deus fará

toda e qualquer coisa para nos salvar do orgulho e nos tornar humildes e servos. Se for o caso, permitirá que nossa eficiência seja comprometida, a fim de que deixemos de olhar para nós mesmos e O busquemos ansiosamente. Talvez permita que sejamos removidos do nosso labor, ou destituídos da função ocupada orgulhosamente. Se não atendermos ao apelo do amor, certamente ouviremos o apelo da dor. No passado, ao trabalhar para abater o orgulho de Nabucodonosor, Ele permitiu que esse presunçoso monarca fosse pastar (Dn 4).

O único limite nesse processo é nossa vontade obstinada e rebelde que, inebriada pela vaidade do sucesso mundano fugaz, talvez acabe resistindo à Sua voz. Porém, se formos submissos e consentirmos que Ele nos molde, seremos vitoriosos. Em razão disso, parafraseando o apóstolo Paulo, devíamos fazer, diariamente, esta prece: “Senhor, dá-me o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus que, sendo Deus, a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fp 2:5-7). ❧

Para refletir

“Esforçar-nos para alcançar uma posição de poder, contemporizando ou planejando, é a própria antítese do cristianismo. É o método do ditador. Para ele, o amor do poder se torna uma paixão, e tudo fará para alcançar seus objetivos. Usará ele seus amigos, encarcerará seu inimigos e, se necessário for, marchará por sobre os corpos mutilados e sangrentos de seus semelhantes para satisfazer uma ambição não santificada.

“Não somente é o orgulho o pecado mais sutil, é também o maior, porque foi o pecado original. Transformou um querubim cobridor em diabo. Do outro lado, a humildade é a maior virtude, pois ela nos deu um Salvador e cria em nós uma atitude que torna possível Deus fazer muito por nós.” – Roy Allan Anderson

“Muitos recebem aplausos por virtudes que não possuem. O Perscrutador dos corações pesa os motivos, e muitas vezes ações altamente louvadas por homens são por Ele registradas como partindo de egoísmo e baixa hipocrisia. Cada ato de nossa vida, seja excelente e digno de louvor ou merecedor de censura, é julgado pelo Perscrutador dos corações segundo os motivos que o determinam.” – Ellen G. White

“Se é que Deus o chamou para ser realmente como Jesus, Ele o atrairá para uma vida de crucifixão e humildade. Outros cristãos e ministros que parecem muito religiosos e úteis poderão empurrar-se, preparar o caminho e elaborar esquemas para levar avante os seus planos, mas você não pode fazer isso; e se tentar fazer, enfrentará tal fracasso e censura da parte do Senhor que o tornarão profundamente arrependido.

“Pode o Senhor permitir que outros sejam honrados e postos em primeiro lugar, e conserve você na obscuridade, porque deseja produzir algum fruto escolhido e fragrante para a Sua glória vindoura, que só pode ser produzido na sombra. Pode Ele deixar que outros sejam grandes, mas conservá-lo pequeno.” – M. E. Kern

Permanença em Cristo



Dennis Smith
Pastor em New Haven,
Estados Unidos

*Através do
Espírito Santo,
Jesus habita em
nós, obedecendo
e trabalhando
através de nós*

O trabalho pastoral pode se tornar um pesado fardo, às vezes, cheio de ansiedade e estresse, até que aprendamos a verdadeiramente descansar em Cristo Jesus. Uma vez que experimentemos essa união, todas as coisas mudam. Passamos a reconhecer a alegria decorrente do serviço prestado ao Mestre; e os fardos são aliviados.

Muitos cristãos já descobriram a paz resultante da permanência em Cristo. Inicialmente, eles se deparam com anos de falhas, derrotas e desencorajamento, o que lhes dá um profundo senso de necessidade, o sentimento de que alguma coisa foi perdida em seu caminhar com Deus. Tornam-se despertos para a inconsistência da sua vida de serviço e obediência a Deus. Então, voltam a desfrutar tempos de maravilhoso companheirismo com seu Senhor bem como superam as experiências do deserto pelo qual passaram.

Antes de serem alcançados pela experiência de permanecer em Cristo, eles ouviram mensagens e aprenderam versos bíblicos sobre o assunto. Contudo, o que ouviam e liam não representava a realidade em sua vida. Sentimentos de derrota podem causar dúvidas a todo cristão e, possivelmente, comprometer sua salvação.

Uma descoberta

J. Hudson Taylor, que foi missionário na China, no século 19, escreveu a respeito da mudança que ele experimentou depois de fazer essa descoberta. Antes disso, seus fardos eram demasiadamente pesados, algumas vezes, esmagadores. Certo dia, ele recebeu uma carta de John McCarthy, colega e amigo missionário. Enquanto a lia, ele abriu os olhos para a maravilhosa verdade da presença constante de Cristo. Posteriormente, em uma carta enviada à sua irmã na Inglaterra, Taylor escreveu sobre sua experiência: “Quanto ao meu trabalho, ele nunca foi tão abundante, exigente e difícil como agora; mas o peso e as tensões já não existem. Os últimos meses têm sido, talvez, os mais felizes da minha vida.”¹

Ele descreveu a bênção que a nova experiência representava em sua vida, e a alegria encontrada no Senhor. Então, escreveu sobre as mudanças que, a partir daí, aconteceram em seu ministério: “A parte mais doce, se é que podemos classificar uma parte como sendo mais doce que a outra, é o descanso resultante da plena identificação com Jesus. Já não vivo ansioso em relação a coisa alguma; pois sei que Ele é capaz de dirigir tudo segundo a Sua vontade, e Sua vontade é a minha. Para mim, é melhor que Ele tome tudo em Suas mãos; pois nas situações menos complicadas, Ele me dará Sua graça. Nas mais difíceis, essa graça é suficiente.”²

O fardo e a ansiedade passaram. Taylor aprendeu a lição de repousar plenamente em Cristo. Ele sabia que Cristo estava vivo nele, e podia lhe dar sabedoria, direção e força. Agora, compreendia que ele estava simplesmente trabalhando com o Mestre e seguindo

Sua direção. Sabia que Cristo providenciaria toda graça necessária para conduzir todo peso de responsabilidade.

H. B. Macartney, pregador anglicano de Melbourne, Austrália, escreveu sobre a atitude de Taylor: “Ele era um exemplo de quietude. Parecia ter sacado do banco celestial todo centavo de sua quota diária de paz – ‘a Minha paz vos dou’. O que não perturbasse o Salvador também não lhe tirava a paz. ... Ele nada sabia sobre agitação ou preocupação, alteração de nervos nem aflição de espírito. Taylor sabia o que era viver em paz, indiferente a toda incompreensão, e que simplesmente nada podia fazer sem ela.”³

Macartney surpreendia-se com a paz demonstrada por Taylor em todas as circunstâncias. Sobre isso, ele continuou dizendo: “Ali estava um homem com quase sessenta anos de idade, conduzindo tremendos encargos, porém, absolutamente calmo e imperturbável. ... Permanecendo em Cristo, ele participava de Seu próprio ser e recursos, em meio a muitos problemas. E fazia isso com um ato de fé, tão simples como se fosse rotina.”⁴

Taylor sabia que Cristo vivia nele e descansava continuamente nesse fato. Conhecendo essa verdade, ele não tinha necessidade de se preocupar ou ficar ansioso. Certamente, tudo no ministério requer esse tipo de repouso e paz que J. Hudson Taylor descobriu. Todos os servos de Deus podem encontrar nEle esse pleno descanso.

Cristo em nós

Certa ocasião, falando a Seus discípulos, Ele garantiu que estes não ficariam sozinhos depois que Ele ascendesse ao Céu: “Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros” (Jo 14:18). Antes dessa afirmação, o Mestre indicou que viria habitar nos discípulos através do Espírito Santo (Jo 14:16, 17). O apóstolo Paulo mostrou ter compreendido isso, quando escreveu: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gl 2:19, 20).

Tão logo os pastores compreendam essa maravilhosa verdade, podem crer que Jesus Cristo Se manifestará neles e através deles. Podem estar seguros de que Cristo partilhará com eles Sua obediência, sabedoria, fé e todas as demais coisas de que necessitam para servi-Lo.

Assim, já não precisam viver ansiosos a respeito de coisa alguma. Jesus nunca os abandonará (Hb 13:5).

Na verdade, é Cristo quem ministra através de nós. Em nossa obediência, é Ele quem obedece. Habitando Ele em nós, obedecemos e trabalhamos como Ele o faz. É justamente o que acontecia com Ele e o Pai: “Não crês que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo não as digo por Mim mesmo; mas o Pai, que permanece em Mim, faz as Suas obras” (Jo 14:10).

O ministério e a obediência de Jesus foram manifestações e resultado da permanência do Pai nEle e vice-versa. Hoje, os servos de Deus podem ter a mesma experiência. Como eles permanecem em Cristo e Cristo habita neles, tudo o que dizem e fazem significa a manifestação do próprio Jesus neles e através deles. Por essa razão, não existe lugar para temor, ansiedade, preocupação excessiva, ou sentimento de peso esmagador, no exercício da obediência e do ministério pastoral. Cristo é tudo. Nós simplesmente permitimos que Ele efetue Suas obras através de nós. Ao compreendermos e experimentarmos essa presença, Deus será glorificado em tudo o que fizermos em Sua causa (1Co 1:31).

Desafio pastoral

Estando no ministério pastoral há mais de trinta anos, conheço o perigo de tomar as coisas nas próprias mãos, de fazer planos pessoais e pedir que Deus os abençoe. Na causa de Cristo, devemos nos conservar em constante união com Ele de modo que estamos sob Sua direção, ao elaborar planos, métodos e cumprir nosso ministério. Devemos orar, pedido Sua direção, e Ele nos conduzirá se o permitirmos. Então, cumprirá em nós “tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade” (Fp 2:13).

Vemos esse princípio ilustrado na comissão evangélica e na maneira como o Espírito Santo facilitou o cumprimento dela, depois que Cristo ordenou que Seus seguidores fizessem “discípulos de todas as nações” (Mt 28:19). Ao ouvirem essa ordem, provavelmente, os apóstolos poderiam ter concluído que deviam ir, pessoalmente, pregar o evangelho em todas as cidades. No entanto, ao lermos o livro de Atos, percebemos como o Espírito Santo dirigiu Paulo em seus esforços para cumprir a grande comissão:

“E, percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo

de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu. E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade. À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônico estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos. Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 16:6-10).

Aqui, vemos um claro exemplo da importância de os ministros cristãos não seguirem suas próprias idéias no que tange a quando, onde e como servir ao Senhor. Todo servo de Deus deve reconhecer que é fundamental estar sob a direção do Espírito Santo, e isso somente acontece quando vivemos em Cristo e Ele em nós.

Evidentemente, isso não significa que não devamos investir qualquer esforço para seguir a direção do Espírito. A experiência de Paulo requereu inspirada determinação e esforço. Nem sempre será fácil trabalhar para o Senhor, contudo, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, podemos encontrar refrigério e paz na dependência de Jesus.

Não é fácil para ninguém enfrentar controvérsia. Pode ser uma experiência esmagadora ter que administrar problemas financeiros, tratar de pessoas com crise pessoal e satisfazer as expectativas de membros e líderes da igreja. Entretanto, quando os pastores compreendem que Cristo é sua sabedoria (1Co 1:30), eles experimentam a libertação da ansiedade e dos fardos.

O fundamento de todo o nosso trabalho é o seguinte: através do Espírito Santo, Cristo habita em nós, obedecendo e ministrando através de nós. Portanto, podemos descansar nessa bendita realidade e submeter-nos à Sua direção. Ao experimentarmos essa realidade, nosso ministério jamais continuará o mesmo. A vida será plena de alegria, amor, paz, fé – todos os frutos do Espírito. Experimentaremos vitórias pessoais e ministeriais jamais vistas. Cristo será tudo em nós. **M**

Referências:

¹ V. Raymond Edman, *They Found the Secret* (N. P.: Zoondervan Publishing House, 1984), p. 19.

² *Ibid.*, 20, 21.

³ *Ibid.*, 21.

⁴ *Ibid.*, 22.

Lado a lado com o rebanho



Errol A. Lawrence
Secretário ministerial
da União Canadense

*O pastor
que visita os
membros está
mais capacitado
a nutrir
relacionamentos
e compreender as
necessidades das
pessoas*

Ao despedir-se dos anciãos da igreja de Éfeso, Paulo os instruiu: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue” (At 20:28). Certamente, já ouvimos dizer que “onde não há profecia, o povo se corrompe” (Pv 29:18). Que tal parafrasearmos essa declaração, afirmando que “onde não há visitação, o rebanho e o pastor perecerão”?

Um dos objetivos da visitação pastoral é mostrar que os pastores se importam com o rebanho. As pessoas não se incomodam com nosso nível de conhecimento até que percebam que nós nos importamos com elas. No entanto, alguns membros dizem não ter recebido uma visita pastoral há muitos anos. Então, que tipo de mensagem está sendo enviada pelos pastores que não visitam o povo?

Arte perdida

Há muitos fatores que têm levado pastores a negligenciar a visitação pastoral. Primeiro, as mudanças demográficas. Em muitos lugares, os membros residem longe da igreja. Segundo, o modelo de família nuclear, em que os membros cuidam das necessidades familiares e têm pouco tempo para receber visita dos pastores ou de outros líderes. Terceiro fator, alguns pastores têm-se afastado muito do modelo de pastor para o de gerente – estão amarrados a minúcias e complexidades administrativas, de modo que não têm tempo para os membros da congregação.

Para os crentes mais antigos, a visita do pastor era norma; porém, para as gerações modernas, a visitação pastoral se tornou uma arte perdida. Embora alguns pastores se considerem nutridores, eles tentam fazer isso unicamente através de sermões, em lugar de visitar os membros. Para mim, isso é um grande erro.

Por que eles saem

Todos os anos, milhares de novos membros têm sido adicionados à igreja adventista do sétimo dia, em todos os lugares. Porém, infelizmente, também contabilizamos baixas. Poderia ser que muitos desses irmãos nunca foram visitados após o batismo? Em conversa com membros que tenho visitado em vários lugares, sei que muitos esperaram uma visita pastoral.

Costumamos dizer que muitos dos que deixam a igreja não fazem isso por questões doutrinárias, mas devido a fatores sociais, isto é, os pastores ou anciãos não os visitaram em casa, quando estavam doentes no hospital, ou quando enfrentaram problemas familiares. Alguns membros fazem tanta questão da visita do pastor que se outro líder fizer a visita, para eles, não faz muito sentido.

Aparentemente, a perda de membros está relacionada com o sentimento de que a

igreja os abandonou. O senso de abandono também emerge nas questões disciplinares, durante e após as fases de mágoa e sofrimento, na colheita das conseqüências de separação ou divórcio, e até na aposentadoria. A visitação pastoral pode contribuir para solução desses problemas. Essa visita revela que você se importa com as pessoas. Isso faz a diferença.

Abordagens

O pastor que visita é capacitado a nutrir relacionamentos e compreender as necessidades das pessoas. Isso tanto fortalece a conservação dos membros antigos, como ajuda a conquistar novos crentes. A visitação pastoral pode realizar o que programas de evangelismo massivo não conseguem fazer. Por exemplo, se o pastor tem alguma preocupação a respeito de um dos seus auxiliares, em lugar de abordar publicamente esse auxiliar, perguntando-lhe por que não tem cumprido suas responsabilidades, a melhor coisa a fazer é visitá-lo em casa, no trabalho, ou na sala pastoral. Então, ficará surpreso com o modo como esse membro aceitará, sem muita persuasão nem coerção, continuar suas atividades pela igreja.

A visitação pastoral é tão básica como reservar tempo para ouvir sobre as necessidades de alguém. Uma das coisas que o pastor frequentemente ouve é a seguinte: "Pastor, odeio preocupá-lo, mas...", como se as necessidades de um membro significasse intromissão em nosso trabalho. A muitas pessoas tem sido dito, de algum modo, que suas necessidades são secundárias e, quando procuram o pastor, já estão condicionadas a ser consideradas sem importância.

Tome a iniciativa

Como os pastores bem sabem, muitos fatores contribuem para disputas e conflitos congregacionais. Se eles não tomam a iniciativa de visitar, acabam contribuindo para agravar os problemas. Não raro, as igrejas têm boa vontade para tolerar sermões enfadonhos, administração desastrosa e falta de organização. Mas, os membros não toleram a falta de visitação pastoral. Eles consideram isso negligência. Mesmo aqueles membros que dizem não precisar de visita ficam entusiasmados quando o pastor os visita. Geralmente, são muito generosos em suas referências e seu reconhecimento ao pastor.

Tem havido casos em que o pastor é poupado da ira de alguns membros porque alguém se levanta e o defende, realçando suas qualidades como visitador, e até como, em tempos de crise, foi beneficiado por essa virtude pastoral. Contudo, manutenção da paz e auto-proteção não podem ser consideradas motivos para que o pastor realize visitas. Ele deve fazê-lo simplesmente porque é seu dever.

Tomar iniciativa nesse aspecto pressupõe que essa prática é importante e apropriada para o pastor, como alguém que se importa com o rebanho, buscando alcançá-lo mesmo sem convite. Se o pastor visita regularmente, é mais provável que ouvirá sobre crises e terá mais condições para manter um relacionamento restaurador. Tal relacionamento provê um clima no qual sempre está presente a certeza de receber cuidado e atenção em momentos de crise.

A visitação pastoral regular ajuda as pessoas a desenvolver confiança no pastor, tornando-as mais abertas para falar de suas necessidades. Certo membro de igreja comentou: "Porque o pastor está sempre em minha casa, vendo meu sofá manchado e minha cortina puída, sinto que posso confiar-lhe outras manchas da minha vida."

Dicas para visitação

Deve o pastor visitar apenas em caso de emergência? Deve fazer isso uma vez ao ano? Considerando que os pais geralmente trabalham fora, talvez seja necessário ao pastor procurar um horário em que possa encontrá-los em casa: à noite, nos domingos ou feriados, entre outras opções condizentes com a realidade local. Numa época como a nossa, em que as pessoas estão vivendo mais, há idosos nos lares que também apreciam a visita do pastor e dela necessitam.

No caso de um membro ser internado no hospital, a visita pastoral também é esperada. Famílias que atravessam crises necessitam ser visitadas, aconselhadas e animadas. Indivíduos ou famílias que passaram a assistir regularmente à igreja devem ser visitados pelo pastor, a fim de ser encorajados a se tornar membros da congregação. Nesta época de tanta pressa e ocupação, é bom que o pastor telefone antes, marcando a visita. Isso faz com que a pessoa se prepare para o encontro. Mas, a visita é sempre bem-vinda, ainda que seja feita de surpresa.

Ao fazer a visita pela primeira vez,

tome tempo para conhecer cada membro da família. Pergunte sobre o tempo de residência na cidade, trabalho, carreira estudantil ou profissional. Normalmente, as pessoas gostam de falar sobre si mesmas ou seus familiares. Olhe discretamente ao redor: fotografias, brinquedos, livros ou animais de estimação fornecem boas oportunidades para diálogo. Você pode falar algo a respeito de si mesmo ou sobre sua família.

Jamais diga que tem pouco tempo, mas também não superestime sua boa-vinda àquele lar. Uma visita que dure menos de quinze ou vinte minutos pode parecer muito apressada. Porém, mais de uma hora já configura um encontro social, não uma visita pastoral.


Caso você se surpreenda distraído-se, durante a conversa, mude sua postura corporal e concentre-se no que está ouvindo. A postura corporal define se você é bom ouvinte ou bom distraído.

Você é pastor

Quando o pastor visita um membro de sua igreja, seus deveres incluem o aconselhamento desse irmão em sua fé cristã. O pastor não deve tentar ser médico nem psiquiatra ou assistente social. Os pastores são generalistas com um alvo específico: partilhar o evangelho. O que ele diz durante uma visita é vitalmente importante.

Ao visitar um doente, não faça perguntas sobre o tipo de cirurgia realizada nem sobre o tamanho da cicatriz. Faça perguntas como, por exemplo: "Como está sendo seu dia até agora?" "Como está se sentindo hoje?" Ouça com empatia, mas não dê conselhos nem conte histórias sobre o que aconteceu a você ou a outras pessoas que tiveram a mesma doença. Lembre-se: você não é médico, mas pastor. Converse com outros familiares e se mantenha bem informado.

Leia a Bíblia e transmita esperança. Nunca deixe o quarto do doente, nem o lar da pessoa visitada, sem orar. Ainda que o doente esteja em coma, ore. Audição é um dos últimos sentidos perdidos pelo enfermo; assim, seja cuidadoso com o que diz ao lado da cama.

Lembre-se de que seu pastorado será mais forte e significativo, quando forem envidados esforços para estar em prontidão, sempre, para atender os membros da igreja, nos inconstantes cenários da vida – em suas tristezas e alegrias. Foi para isso que Deus lhe confiou Seu rebanho. 

Por que admiro este pastor



Loren Seibold

Pastor em Worthington, Ohio, Estados Unidos

Ele não é um evangelista arrebatador de multidões e pastoreia apenas algumas igrejas pequenas

Não vou revelar seu nome. E, conhecendo-o como conheço, tenho quase certeza de que ele não se reconhecerá nesta descrição. Entre suas muitas qualidades, posso citar a humildade.

O melhor pastor que conheço reside em uma pequena cidade e pastoreia algumas igrejas pequenas, razoavelmente distantes entre si. Recentemente, estive com ele e o acompanhei à uma das suas igrejas, mas, devo admitir, não achei a experiência muito inspiradora. Pequena e sem grandes atrativos, a igreja precisava de reparos. A congregação composta de idosos parece mais interessada em conservar o que tem do que conquistar novos territórios.

Meu amigo pregou um belo sermão, embora sem dinamismo. Ele não caiu na armadilha que muitos de nós caímos. Não censurou nem lamentou o estado da igreja ou a maldade do mundo. Simplesmente falou sobre a capacidade de Deus, em vez de falar sobre a incapacidade humana ou instabilidade do mundo. Mas, ele não está no meu ranking de melhor pastor apenas porque fez “um bom sermão”.

Mais tarde, ele interagiu cordialmente com as pessoas, desde as crianças aos idosos. Não se colocou num pedestal; ajudou os diáconos a organizar as cadeiras para a refeição. Ele me disse que visita os membros regularmente, mas como eles são poucos em seu distrito, não gasta muito tempo para visitar todos eles.

Eu podia considerá-lo bom pastor, mas não percebi que era o melhor pastor que conheço até que, certa tarde, o acompanhei a uma loja.

Depois de caminharmos aproximadamente uma quadra, um motorista abaixou o vidro da janela de seu caminhão e o cumprimentou. Antes de chegar à outra esquina, outro motorista fez o mesmo. Motoristas, pedestres, pessoas em frente às respectivas casas o cumprimentavam e ele respondia mencionando o nome de cada um.

Enquanto caminhávamos, passamos por uma pequena casa e ele disse:

“Venha conhecer estes colegas. São pessoas maravilhosas.”

Bateu à porta e foi recebido calorosamente. Como precisávamos continuar nosso caminho, recusamos o insistente convite para entrar e tomar um suco.

Depois que saímos, ele explicou:

“Quando a filha desse casal morreu, visitei-os e trouxe alguns alimentos”.

“Essas pessoas são membros de sua igreja?”, perguntei.

“Ainda não”, ele respondeu.

Quando chegamos ao comércio, percebi que ele sabia o nome de quase todos que passavam. Em nosso percurso, paramos tantas vezes que pensei que demoraríamos bastante para chegar à loja. Mal entramos, duas pessoas vieram nos cumprimentar. Numa loja de computadores, ele foi recebido pelo proprietário como se fossem velhos amigos.

“Visitei o pai dele no hospital”, depois ele explicou, “e também participei do funeral.”

“As crenças dele devem ser diferentes das suas”, comentei.

“Não discuto muito sobre nossas crenças”, foi a resposta. “Simplesmente oro e demonstro amor por eles.”

“Como será que ele desenvolveu essa dinâmica de relacionamentos com tantas pessoas na cidade?”, pensei.

Como que adivinhando meu pensamento, ele retomou a conversa: “Quando cheguei aqui, percebi que, se me limitasse à família da igreja, em pouco tempo não teria mais coisas para fazer. Eles, realmente, não precisavam muito de mim. Na verdade, algumas vezes pensei que eles se ofendiam por receber instruções de um jovem sobre o que fazer. Então, decidi ser pastor não somente da igreja, mas também da comunidade.”

“Como você faz isso?”, perguntei.

“É fácil. Simplesmente, passeio pela cidade e converso com as pessoas. Aprendo seus nomes. Encontro-me com o máximo de pessoas que me seja possível, e, se me permitem, oro com elas.”

Envolvimento na comunidade

Pensei no meu primeiro ano de ministério em igrejas pequenas. Não fiz um bom trabalho. Estava assustado, inseguro e passava a maior parte do tempo tentando agradar a igreja principal do distrito que, por sua vez, parecia não estar feliz com meu pastorado. Os irmãos sempre falavam das qualidades de meu antecessor. Eu tentava fazer alguma investida evangélica, mas não recebia apoio. Sentia-me sozinho e frustrado. Quase desisti do ministério.

Essa lembrança me levou à outra pergunta:

“Você tentou o evangelismo?”

“Sim, nessa cidade, todos têm sua denominação religiosa. Se eu me aproximar logo de início com doutrinas, as portas se fecham. As pessoas estão totalmente abertas às questões espirituais. Elas apreciam ter alguém para ouvi-las e que conheçam seus nomes. Quando paro na loja e o funcionário me fala sobre alguma dificuldade que está enfrentando, pergunto se posso orar por ele. Poucos não aceitam. Então, vamos para um lugar reservado do escritório e oramos.”

Ele demonstra interesse ativo na comunidade. Apresentou-se aos professores da cidade e fez amizade com os policiais. Uniu-se à liga de *softball*, frequenta os jogos de futebol do Ensino Médio e torce pelo time local. Quando lhe é possível, participa de reuniões na prefeitura. Os bombeiros e equipe de ambulância são organizações voluntárias na pequena cidade, por isso, ele decidiu fazer treinamento nessas instituições. Ele reforça minha crença de que ser extrovertido

é benéfico para o pastor. Porém, reconheço que, embora ele o tivesse, nem todos os pastores são privilegiados com esse dom.

“Como você encontrou tempo para fazer tudo isso?”, perguntei. “Estou acostumado ao modelo de pastor tradicional: que se veste sobriamente e mantém nível igualmente sóbrio de conversa, divide o tempo em estudos, igreja e visitação a membros e hospitais.”

“Minha igreja não é muito grande”, foi a explicação. “Posso fazer tudo o que precisam e não fico sobrecarregado. Mas esse não é o pastor que desejo ser, por isso, atuo sendo pastor de todos os que conheço.”

“Tenho a impressão de que meu amigo tem crescido mais que outros pastores mais dotados. Seus métodos são menos profissionais e mais cristocêntricos”

“Os pastores de outras denominações não reclamam?”, continuei perguntando.

A resposta foi: “Também fiz amizade com eles e, quando posso, visito suas igrejas. Eles não me vêem como ameaça. Continuo trabalhando e, se alguém quiser participar da minha igreja, não posso expulsar”, conclui, sorridente.

“Os membros de minhas congregações são indiferentes e faz tanto tempo que não se envolvem com a comunidade, que isso os torna céticos. Eles não aceitam pessoas que não concordam com eles em todas as coisas. Dizem que seu desejo é ver a igreja crescer, mas me pergunto se isso é verdade.”

“Mas, você está disposto a obedecer à comissão: ‘Ide por todo o mundo e pregai o evangelho’”, digo.

Sua resposta: “Bem, é isso que tento fazer, mais fora do que dentro da igreja.”

Minha experiência


Minha igreja tem muitos membros e eles estão sempre ocupados. Há muitas questões administrativas, estudo e aconselhamento para me prender ao escritório o dia todo, se eu quisesse. Ao contrário do meu colega, não preciso sair do escritório para encontrar pessoas, conversar e orar com elas, pois elas vêm até mim. E a maioria dessas pessoas é composta de membros da igreja. Tentei imaginar como seria conhecer a maioria das pessoas da minha cidade (que passa de um milhão de habitantes) da mesma forma que meu amigo fez.

Ele superou as barreiras. Acaso, precisou ceder em algo? Isso depende do significado de *ceder*. Certamente, precisou ser um pouco menos paroquial que a maioria dos pastores. Não mostrou a espada da religião e da doutrina, nem se expôs, despertando preconceitos. Fez-se um de todos, para ganhar todos.

“Você exerceu algum tipo de cautela?”, perguntei-lhe certa vez. “Tentou quebrar as barreiras para que pudesse converter as pessoas?”, ao que ele respondeu: “Se eu apenas estivesse usando a amizade como disfarce não estaria sendo sincero”.

“Mas”, insisti, “e o crescimento de sua igreja?”

“Evidentemente, oro e trabalho muito para que minha igreja cresça. Mas, tento deixar os resultados com Deus. Não quero dar às costas para ninguém. Sempre ouvi que é mais importante ser fiel do que ser bem-sucedido.”

Qual é o motivo pelo qual o considero o melhor pastor que conheci? Conheço pastores de igrejas de mil membros, que são excelentes pregadores, líderes carismáticos e com grande talento para administração. Embora eu respeite o que fazem, na verdade, tenho a impressão de que meu amigo tem crescido mais significativamente (como pessoa e como pastor) que outros pastores, no mundo ao seu redor. Seus métodos se concentram menos em objetivos profissionais e mais em Jesus, que nunca teve programa de televisão, não escreveu livros nem construiu grandes igrejas. A maior parte do Seu trabalho foi feito de maneira pessoal. Mesmo assim, Ele transformou o mundo. Se meu amigo não se sentir desencorajado nem entediado, se permanecer ali por um bom tempo, deixará um precioso legado naquela comunidade. 

Privilégio e desafios



Paulo Godinho

Secretário da Associação
Catarinense

“Necessitamos de homens que compreendam sua pobreza de alma e busquem zelosamente a dotação do Espírito”

Chamado para o ministério pastoral é responsabilidade de Deus. O pastor faz parte do povo de Deus, mas com um chamado especial em um tempo especial. Paulo compreendeu que o chamado é uma graça concedida por Deus: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3:8).

A Bíblia confirma esse princípio ao afirmar que “Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:11-13).

Não compete ao homem entender esse processo, mas aceitá-lo e corresponder a ele, desempenhando um ministério completo, abnegado e perseverante que glorifique a Deus, promovendo o crescimento quantitativo e qualitativo da igreja através dos dons espirituais e ministérios de proclamação e conservação. O apóstolo Paulo expressou sua gratidão ao chamado de Deus nas seguintes palavras: “Sou grato para com Aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor que me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim, que, noutro tempo, era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade” (1Tm 1:12, 13).

Pastores para este tempo

Nestes dias que antecedem a vinda de Cristo, ser pastor é tanto privilégio quanto grande desafio. Jesus afirmou: “Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes. Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouviram” (Lc 10: 23, 24). O tempo em que vivemos deve servir de motivação e estímulo para desenvolvermos um ministério cada vez mais apaixonado. Outra motivação é saber que fazemos parte de um povo especial com uma mensagem especial (Ap 14:6-12).

Muitos pastores ficam temerosos ao se depararem com desafios como secularismo, mentalidade pós-moderna, avanço tecnológico e científico, distorção e abandono de valores que preservam o ser humano da dor e do sofrimento. E que dizer quando vemos o mundanismo ganhando terreno nas igrejas, pouca leitura da Bíblia, frieza espiritual, indiferença na comunhão e na missão?

A verdade é que os tempos mudaram. Hoje, temos uma igreja que parece mais vulnerável à cultura dominante, questionadora, exigente nas mensagens e nos programas. Nosso tempo exige pastores que andem em humildade e integridade diante de Deus e que se relacionem bem com os membros; que sejam amorosos em seus métodos de abordagem; que alcancem o povo onde este se encontra; que sintam suas emoções e tenham empatia; que sejam bons comunicadores e empreendedores.

Como pastores, hoje, corremos o perigo de nos limitarmos ao papel de administradores, dirigentes de comissões, promotores de programas e conselheiros. Mais do que fazer isso, o pastor deve visitar, orar, pregar e aconselhar, inspirar, capacitar, desafiar, incentivar e criar oportunidades para os membros se envolverem em um ministério produtivo. Russel Burrell afirma que “a função do pastor é criar ministérios, envolver pessoas, treinar, recrutar, delegar, supervisionar, evangelizar e pregar” (ver *Revolução na Igreja*, p. 50-57). Se, pela graça de Deus e no poder do Espírito Santo, o pastor conseguir despertar e utilizar a massa de talentos, recursos, criatividade e energia que se encontram adormecidos em sua congregação, a igreja experimentará crescimento qualitativo e quantitativo.

Além de compreender seu papel e os princípios bíblicos do crescimento da igreja, o pastor deve ser um líder que vislumbre o potencial dos dons, promova a capacitação leiga e crie ministérios. Em seu livro *Crescimento: Chaves Para Revolucionar sua Igreja* (p. 18), Daniel Rode afirma que um dos fatores que promove o sucesso e o crescimento da igreja é um pastorado que perdure por vários anos. Donald McGavran apresenta outros fatores que promovem um crescimento sustentável, saudável e de boa qualidade. Ele diz: “O pastor deve transmitir não somente a boa pregação e o ensino, mas o verdadeiro significado do cristianismo e o compromisso de proclamar a Cristo, encontrar os perdidos, alimentá-los, edificá-los e torná-los membros saudáveis do corpo de Cristo.”

Nas Palavras de Ellen G. White, o sucesso e o crescimento são resumidos nas seguintes palavras: “O segredo de nosso êxito na obra de Deus se encontrará na operação harmoniosa de nosso povo. Tem de haver uma ação concentrada. ... Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração” (*Serviço Cristão*, p. 75).

Em cada época, o povo de Deus enfrentou desafios, e a pregação do evangelho através dos séculos avançou por meio de homens abnegados e comprometidos, que entenderam o crescimento da igreja como resultado da ação harmoniosa de Deus e do homem.

Conselhos inspirados

“Os pastores podem pregar sermões aprazíveis e convincentes, ... mas a menos que seus membros façam individualmente sua parte ... a igreja estará sempre em trevas e sem forças” (*Serviço Cristão*, p. 68).

“A melhor ajuda que os pastores podem prestar aos membros de nossas igrejas não consiste em pregar-lhes sermões, mas em planejar trabalho para que o façam. Dai a cada um algo para fazer em prol de outros” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 323).

“O pastor não deve sentir ser seu dever fazer todas as pregações e todos os trabalhos e todas as orações; cabe-lhe preparar auxiliares, em todas as igrejas” (*Serviço Cristão*, p. 69).

“As igrejas estão morrendo e quebrem um pastor que lhes pregue. Devem ser ensinadas a trazer um dízimo de fé a Deus, para que Ele as fortaleça e abençoe. Elas devem ser levadas a trabalhar para que o fôlego de Deus caia sobre elas. Elas devem ser ensinadas que a menos que possam permanecer sozinhas, sem um ministro, elas precisam ser convertidas novamente, e rebatizadas. Precisam nascer novamente” (*Evangelismo*, p. 381).

“Algumas vezes, os pastores trabalham em excesso, procuram tomar todo trabalho em suas mãos. Isso os esgota e prejudica, mas continuam a se envolver com tudo. Pensam que só eles devem trabalhar na causa de Deus, ao passo que os membros da igreja ficam ociosos. Essa não é, de maneira alguma, a ordem de Deus” (*Evangelismo*, p. 113).

“Os pastores não devem fazer a obra que pertence à igreja, fatigando-se assim, e impedindo que outros cumpram seu dever. Eles devem ensinar os membros a trabalhar na igreja e entre a vizinhança” (*Serviço Cristão*, p. 69).

“A idéia de que o pastor deve levar toda a carga e fazer todo o trabalho, é um grande engano. Sobrecarregado de trabalho e exausto, poderá descer ao sepulcro quando, se a carga houvesse sido repartida como era o plano de Deus, poderia haver vivido. A fim de que a carga seja distribuída, ele deve instruir a igreja...” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p.68).

“Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o pastor deve não tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja para prestarem cooperação proveitosa. Trabalhe com eles individualmente, tentando despertá-los” (*Obreiros Evangélicos*, p. 196).

“O proprietário de um grande moinho encontrou uma vez seu superintendente a fazer qualquer simples reparo numa roda, ao passo que para ali, parados a olhar ociosamente, achavam-se meia dúzia de operários desse ramo. Havendo-se informado do fato, a fim de estar certo de que não faria injustiça, chamou o mestre ao seu escritório e entregou-lhe sua demissão, pagando-lhe integralmente. Surpreendido, o homem pediu explicação. Esta foi dada nas seguintes palavras: Empreguei-o para manter seis homens ocupados. Achei os seis ociosos, e o senhor fazendo o trabalho de um apenas. O seu trabalho poderia ter sido feito por qualquer dos seis. Não posso pagar o ordenado de sete, para o senhor ensinar os seis a serem vadios” (*Ibid.*, p. 197).

“São aqueles que, em amor para com Deus e seus semelhantes, se estão esforçando para auxiliar outros os que ficam estabelecidos, fortalecidos, e firmes na verdade” (*Serviço Cristão*, p. 106).

“A obra de Deus na Terra nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem nossa igreja não cerrem fileiras, e juntem seus esforços aos dos ministros e oficiais de igreja” (*Obreiros Evangélicos*, p. 352).

Neste grande desafio de sermos pastores segundo o coração de Deus, que Ele nos ajude a preparar um povo para encontrá-Lo nas nuvens. ❀

Oração de um pregador

Deus, meu Senhor!

Fui chamado para pregar, mas me sinto fraco e necessitado diante dessa tarefa. Apesar disso, desejo que as pessoas sejam edificadas pela verdade divina, e que eu seja capaz de manter um testemunho honesto diante delas.

Concede-me Tua assistência, quando eu pregar e orar para que meu coração esteja cheio de graça e unção. Favorece-me com a visão de objetos pertinentes ao tema escolhido, com plenitude de conteúdo, clareza de pensamento, expressões apropriadas, fluidez, fervor, sensibilidade aos temas sobre que eu falar, e graça para aplicá-los à consciência de homens e mulheres.

Conserva-me, todo o tempo, consciente dos meus defeitos, e não permitas que eu me glorie nem me orgulhe de meu desempenho. Ajuda-me a dar testemunho de Ti, e a deixar os pecadores sem desculpas para rejeitar Tua misericórdia.

Dá-me a liberdade para me abrir às dores do Teu povo e oferecer-lhe reflexões consoladoras. Acompanha com Teu poder as verdades pregadas, e desperta a atenção dos ouvintes desatentos e ociosos.

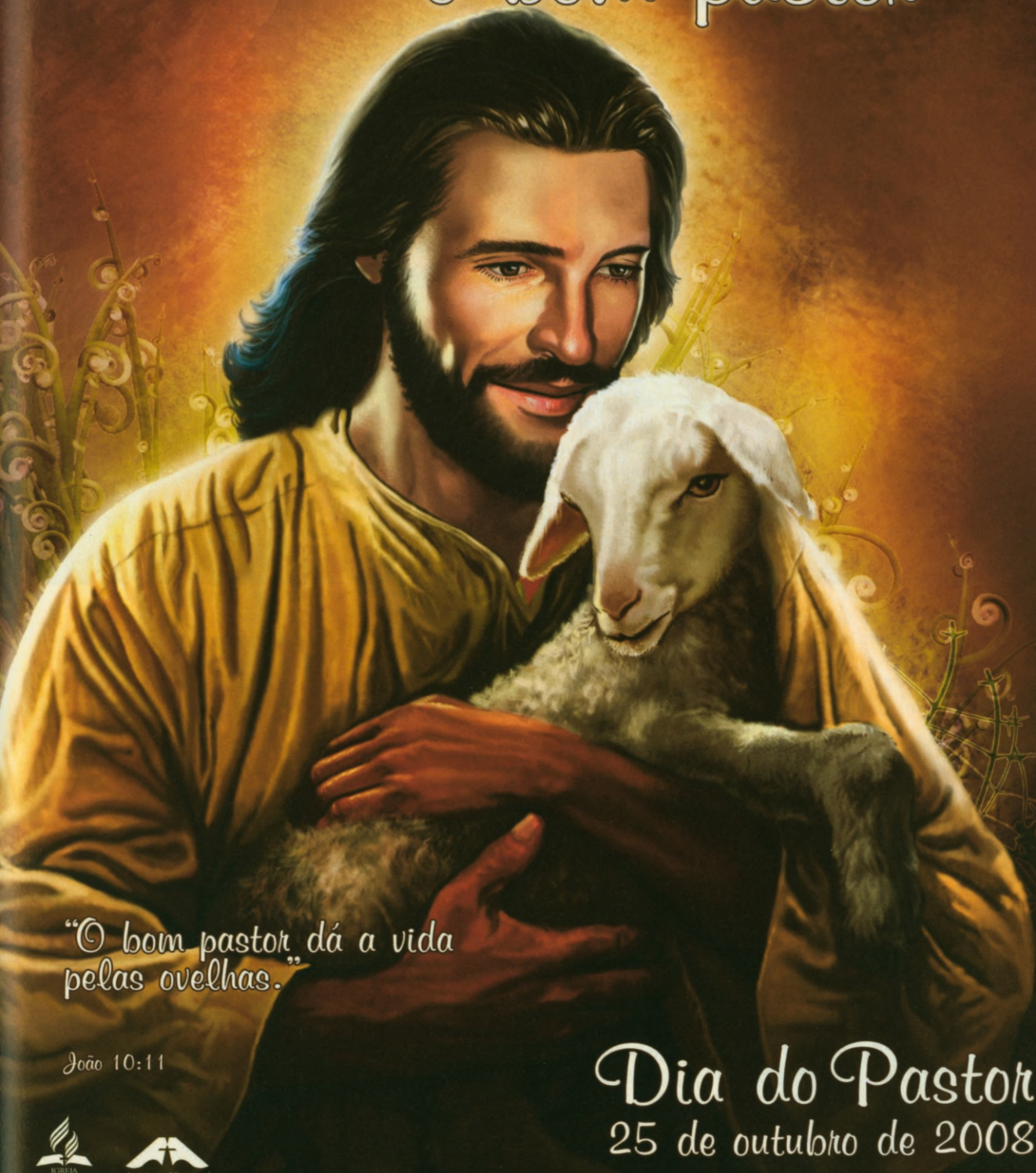
Que Teu povo seja renovado, enternecido, persuadido, confortado. Ajuda-me a usar os argumentos mais sólidos, derivados da encarnação e dos sofrimentos de Cristo, que santificam os homens. Eu mesmo necessito do Teu apoio, consolo, força, santidade, para ser um puro canal de Tua graça e realizar muito para Ti.

Reaviva-me primeiro, antes dos meus ouvintes, e ajuda-me a não tratar com vulgaridade os assuntos excelentes, e jamais dar nenhum testemunho indigno de meu Redentor nem ser grosseiro, por falta de ardor, zelo e fervor, na abordagem da morte de Cristo, seu desígnio e propósito.

Preserva-me sempre em harmonia contigo, enquanto realizo o trabalho que me confiaste.

Extraído, com permissão, de *Apuntes Pastorales*, v. 25, nº 8, 2008

Jesus, o bom pastor



“O bom pastor dá a vida
pelas ovelhas.”

João 10:11

Dia do Pastor
25 de outubro de 2008



DEUS NO MUNDO REAL

Jon Paulien, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 168 páginas;
tel.: 0800 979 06 06, sac@cpb.com.br

Num mundo em que o computador e a internet mudaram fundamentalmente a maneira como as pessoas pensam e vivem, numa época em que os fundamentos da vida cotidiana parecem desmoronar com incrível velocidade, a mensagem do evangelho ainda é relevante? Qual é o alcance da fé cristã? O que significa relacionar-se com alguém que não é visto? O que significa orar num mundo computadorizado? Muitas pessoas que fazem a si mesmas tais perguntas podem ser ajudadas com a leitura deste livro.

BÍBLIA DE ESTUDO: TEMAS EM CONCORDÂNCIA

Roswell Hitchcock (editor), Editora Central Gospel,
Rio de Janeiro, RJ; telefax (21) 2198-2019,
www.editoracentralgospel.com.br



Esta Bíblia disponibiliza ao seu estudante um método prático, rápido e simples de localização de todas as informações e ensinamentos da Palavra de Deus. Ao lado de cada versículo ao longo do texto bíblico, de Gênesis a Apocalipse, existem números que remetem o leitor para uma página da seção "Temas em Concordância". Após localizar essa página, o estudante encontra tudo o que a Bíblia diz sobre o versículo em análise.

DERROTANDO OS GIGANTES DE SUA VIDA

David Jeremiah, Editora Vida, São Paulo, SP; 212
páginas, telefax (11) 6618-7000, www.editoravida.com.br

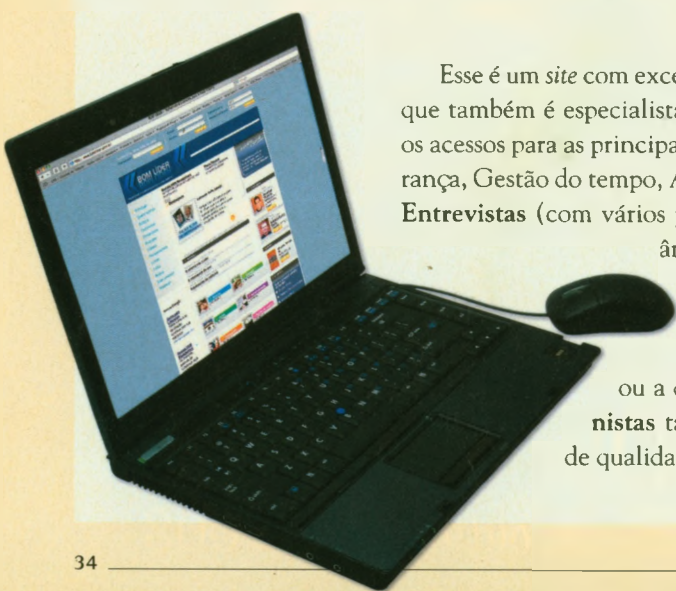


Alguma vez você já se sentiu tão impotente diante de um problema, que achou que seria esmagado por ele? Muitas pessoas já se depararam com inúmeros "gigantes": medo, desânimo, procrastinação, ressentimento, preocupação, entre outros. Seja qual for o "gigante" que tenha de ser enfrentado, David Jeremiah afirma: "Deus é maior que todos os gigantes". Neste livro, ele

convida o leitor a encará-los com uma ousadia pesada. Confira.

VEJA NA INTERNET www.bomlider.com.br

Esse é um *site* com excelente material sobre liderança cristã, mantido por um teólogo que também é especialista em liderança. Na coluna de *links*, à esquerda da tela, estão os acessos para as principais páginas do *site*, que são: **Artigos** (mais de 600) sobre: Liderança, Gestão do tempo, Administração, Discipulado, Igreja, Espiritualidade e Família; **Entrevistas** (com vários pastores evangélicos bem conhecidos, abordando diferentes ângulos da liderança); **Enquetes** (em geral, são simples e diretas, com a vantagem de apresentar amostragem brasileira); **Pensamentos** (bem selecionados) e **Livros** (resenhas e sinopses de lançamentos editoriais que interessam aos líderes cristãos ou a quem deseja conhecer melhor o tema). Os textos dos **Colunistas** também são provocantes e geralmente apresentam conteúdo de qualidade. – Márcio Dias Guarda





Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

Precisamos subir mais

Acabamos de pousar numa pequena pista de grama com um avião Cessna de quatro lugares. Estamos com três horas de atraso para o programa. A chuva abundante, típica da selva peruana, não nos permitiu iniciar o vôo a tempo. Tivemos uma longa espera antes de iniciar a viagem até sermos informados de que o temporal havia diminuído e teríamos condições de visibilidade para o pouso.

Assim, saímos de Pucalpa com destino a Tucache. Entre as duas cidades, está a Cordilheira Azul. Eu já tinha feito esse mesmo percurso antes, em um dia ensolarado, sem nuvens. Mas desta vez foi diferente. Logo percebemos que não havia muitas brechas entre as nuvens.

Não havia passagem a não ser por entre aquelas espessas e carregadas formações. A força da água batendo contra a fuselagem do pequeno avião fazia um barulho terrível. A turbulência nos obrigava a segurarmos firmemente em qualquer coisa que parecia fixa a nossa volta.

Cada vez que saíamos de uma nuvem, a sensação era de alívio. Eu era o único passageiro, sentado atrás dos dois pilotos, Alberto Marín e Aholiab Lozano, missionários do *Peru Project*. Aproveitava os momentos para tirar algumas fotos, mas por pouco tempo, porque logo entrávamos em outra nuvem e lá vinha outra vez a turbulência com a chuva e o barulho. Os pilotos conversavam com palavras e gestos, fazendo-me notar que necessitávamos subir mais. A cordilheira estava bem à nossa frente.

Não sei qual foi a dimensão exata do perigo que corremos naquela viagem. Tampouco quis perguntar aos pilotos. Eu não queria demonstrar que estava com medo; afinal, estávamos apenas no primeiro dia de uma Caravana da Esperança que iria durar oito dias. Eles não iam querer me deixar assustado logo no começo.

Cada vez que abria um espaço entre as nuvens, podíamos enxergar a silhueta das montanhas bem perto de nós. Os pilotos apontavam para um lado e para outro, nitidamente escolhendo um lugar para passar. Seguíamos subindo, mas a chuva parecia impedir o processo de subida. Na maior parte do tempo estávamos dentro

das nuvens sem nenhuma visibilidade. Minha sensação: “Será que vamos bater numa montanha?” Tudo isso durou aproximadamente uma hora e meia, até que finalmente atravessamos a cordilheira, descemos abaixo das nuvens. Não mais havia chuva, a visibilidade era boa e aterrissamos com segurança.

Essa experiência descreve com muita precisão minha própria vida e meu ministério. Posso me lembrar de tantas ocasiões em que me vi cercado por montanhas de obstáculos, mas a direção e o cuidado de Deus eram tão evidentes, que a sensação de estar entre as montanhas não me assustava nem fazia desanimar.

Lembro-me também das vezes em que me senti cercado de nuvens e, sem visibilidade alguma. Algumas vezes, sofri fortes turbulências em minha vida pessoal, familiar e espiritual. Então vinha o medo: “Será que vou bater numa montanha? Será que tudo vai acabar?”

Acho que você sabe do que estou falando. Provavelmente, já sentiu a mesma coisa. Cercados de nuvens negras, a única coisa que sabemos é que precisamos subir mais. E por mais que nos esforcemos, parece que não fazemos nenhum progresso. A oração, o alimento da Palavra e a comunhão com Deus se tornam uma obrigação quase impossível de ser cumprida em certos momentos da vida. Assim, exatamente nas situações mais perigosas e desanimadoras do ministério, quando mais precisa-

mos subir e subir, simplesmente não temos forças. Então, tememos o choque nas montanhas, a derrocada, o fim de um sonho, a perda do ministério. E você segue assim mesmo. A respiração suspensa. Uma indagação que não lhe sai da mente: “Será que vou bater nas montanhas?”

Você não é o primeiro nem o último a viver essa experiência. E agora quero falar realmente de coração a coração, como um testemunho pessoal de quem já viveu algumas tempestades: Deus não vai desistir facilmente de você nem de seu ministério. Ele vai esgotar os últimos recursos para que você passe seguro pela tempestade, por entre montanhas e nuvens negras. Mesmo que não esteja enxergando nada a sua volta, você e seu ministério estão nas mãos poderosas do Criador. Descanse em Seu cuidado. ☩

“Deus não economiza esforços, ajudando-nos a atravessar as turbulências da vida”



viva com
esperança

**Jesus em
breve voltará**

Um só exército

Uma só missão

Uma só esperança

Um só dia

Distribuição de 20 milhões de revistas

Aplicação de um milhão de adesivos

Colocação de 10 mil outdoors nas
principais cidades da América do Sul

Divulgação do portal missionário na Internet

Faça parte deste Impacto!

**Impacto Esperança
6 de setembro**

www.esperanca.com.br